

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

RAFAELA FERNANDES MARTINS

ASTRA INCLINANT SED NON OBLIGANT:

Análise da releitura de “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, na obra *Prazeres violentos*, de Chloe Gong

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RAFAELA FERNANDES MARTINS

ASTRA INCLINANT SED NON OBLIGANT:

Análise da releitura de “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, na obra *Prazeres violentos*, de Chloe Gong

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Porto Alegre

2023

RAFAELA FERNANDES MARTINS

ASTRA INCLINANT SED NON OBLIGANT:

Análise da releitura de “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, na obra *Prazeres violentos*, de Chloe Gong

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Profa. Dra. Ana Maria Coelho Silva Wertheimer

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Porto Alegre

2023

À mini Rafa que descobriu *Romeu e Julieta* pela primeira vez e se apaixonou um pouquinho mais por literatura.

AGRADECIMENTOS

Eu fiz! Escrevi tudo isso e cheguei à parte dos agradecimentos (secretamente, sempre quis escrever um). Eu estava muito insegura com o tema, pois era muito pessoal e, em algum momento, estaria solto por aí para qualquer um ler. Isso é meio apavorante. Não esperava que tivesse uma experiência tão boa escrevendo o TCC, mesmo que tivesse sido difícil em alguns momentos. Foi recheado de muito medo e insegurança e, na reta final, fiquei muito emotiva. Não imaginei que fosse ser tão catártico. Escrever é isso, no final das contas: uma avalanche. De cheios, de vazios, de metades. Parece o final de um ciclo — um dos finais que tanto falei neste trabalho. Percebi que as escolhas que fiz têm sentido e, para chegar aqui, me machuquei e tive de enfrentar coisas não tão bonitas (meio que ainda preciso). Ainda tenho muito a aprender e a melhorar, entretanto. A vida é cheia de felizes acasos, essas são algumas das minhas.

Primeiro, quero agradecer a meus pais por tentarem sempre o seu melhor e por me darem todas essas oportunidades preciosas. Eu não seria apaixonada por literatura, história e arte se não fosse por vocês. Essas paixões são os meus bens mais intrínsecos. Minhas irmãs, Carol, Gabi e Dani: vocês cuidam de mim com todo o amor e carinho; ser criada por vocês estoura o meu coração em mil fogos de artifícios. Quando olho no espelho e percebo cada uma das três refletida em mim, posso ser feliz. Tenho muita sorte. Gui e Luiz: vocês são os irmãos que nunca tive. Obrigada por todo apoio. Maria Aurora, nossa princesinha, tu podes ser tudo o que as estrelas quiserem, mas o mais importante: podes ser tudo que quiser. Espero que o teu sorriso continue sendo o mais brilhante. Para a Cora, a cachorra mais linda do mundo, só tenho amor. Aprendi muito contigo e com a nossa conexão, em momentos de desespero, de medo, de vazios, a única coisa que tive certeza foi o teu carinho. Para a Carla: obrigada por acompanhar toda a jornada.

Jana! Minha orientadora maravilhosa! A melhor pessoa que poderia ter escolhido, vou ser para todo o sempre agradecida por ter me acolhido e ter abraçado esse tema com toda delicadeza e cuidado do mundo. Um assunto tão genuíno e tão pessoal para mim. Jana, tu és gigante, se um dia eu conseguir ser um pouquinho da tua imensidão, vou ser muito feliz. Meus professores do Ensino Médio, Jéssica e Marcelo. Eu amo vocês com todo o coração. Sempre senti vocês presentes em mim, mesmo depois de ter entrado na faculdade. O Ensino Médio não foi fácil, mas saber que veria vocês, que acreditavam em mim e que existia esse carinho

enorme.... Não consigo colocar em palavras. Vocês, com certeza, me salvaram de diversas formas. Obrigada por cada incentivo, cada palavra de apoio, por tudo mesmo.

Kelvin, Gabi, Vic, Mike e Di: se a gente não for meio apaixonado pelos amigos, então, tem algo de errado. Vocês me ensinaram o que é amizade verdadeira e isso mudou a minha vida. Vocês são cura, meus raios de sol. Obrigada por acreditarem em mim, por me obrigarem a fazer as coisas que sabem que eu gostaria de fazer, por me incentivarem, por apenas dividirem a vida comigo. Eu amo vocês. Marina!!! Viramos amigas por causa do TCC e não sei o que seria de mim sem ti na reta final. Obrigada por cada risada, piada, sugestão e incentivo. Espero que a gente ainda possa criar memórias incríveis juntas! Ao Kelvin, de novo, é óbvio. Tu és uma das minhas pessoas favoritas do mundo: aguenta minhas loucuras, minhas piadas sem graça, minhas ideias perambulantes e sempre cuida de mim. Por mais que existam dias muito difíceis, tenho a certeza de que tudo vai ficar mais leve assim que falar contigo. Obrigada por ser esse amigo tão único.

Preciso agradecer à Halsey e à Taylor Swift também. As letras de vocês me fazem cair de amores por escrita. A maioria das vezes, só consigo escrever por causa de vocês. Obrigada por terem ajudado a criar a minha Julieta Capuleto. À Victoria Aveyard por me apresentar a magia da escrita. À Chloe Gong: obrigada por escrever a história que eu precisava. Agradeço também ao Shakespeare, afinal, ele é o culpado por uma Rafaela de 8 anos choramingando no banheiro.

E, o mais essencial, agradeço ao BTS. Kim Namjoon, Kim Seokjin, Min Yoongi, Jung Hoseok, Park Jimin, Kim Taehyung e Jeon Jungkook: sem vocês sete nada disso seria possível. Vocês seguraram a minha mão quando eu estava na escuridão, quando encontrei uma chama pequena de luz e continuam a segurando quando tento entender as milhões de cores do mundo. Quando pensei em desistir de tudo, a única coisa que me fez ficar foi vocês. Ainda é. O amor dos sete me devolveu os sonhos, os desejos, a felicidade, a esperança. Compartilhar a vida com vocês foi a minha melhor decisão e não existem maneiras suficientes para descrever tudo que sinto por vocês. Eu amo vocês com cada célula do corpo. Obrigada por tanto, de verdade.

“[...] — Isso reduz as chances de sermos vistos juntos. Não é preciso dizer, mas ninguém pode saber
que estamos cooperando. Nós...

— ... dois estamos mortos se descobrirem — finalizou Roma. — Eu sei. Até o nascer do sol, então.

Juliette o viu passar as pernas novamente por cima do parapeito da sacada, pendurando-se nos
ornamentos de metal como se fosse outra parte da peça. Sob a luz baixa da lua, Roma era um estudo
em preto e branco da tristeza.

Roma parou.

— Boa noite, Juliette. [...].”

Chloe Gong

“Então eu escapei para o jardim para ver você. Nós ficamos quietos, pois nos
matariam se soubessem. Então, feche seus olhos, fuja dessa cidade por um tempo.”

Taylor Swift

RESUMO

O seguinte trabalho é constituído por uma parte teórica e a uma criativa. A teórica apresenta um ensaio pessoal sobre a obra “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare (2019), publicada em 1597, a partir da perspectiva da literatura de massa e de como ela ainda é inserida nas histórias através de reimaginações. Para isso, analiso o livro *Prazeres violentos*, de Chloe Gong (2022), como releitura direta da tragédia, e utilizo como referencial teórico principal os estudos de Barbara Heliadora, os livros *Teoria da literatura de massa*, de Muniz Sodré (1978), e *O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe*, de Liana de Camargo Leão e de Marlene Soares dos Santos (2022). Também utilizei entrevistas da escritora Chloe Gong (2023) para entender como a peça shakespeariana ainda possui maneiras inesgotáveis de ser recontada mesmo nos dias de hoje. Na parte criativa, apresento quatro capítulos de meu romance, ainda sem título, inspirado em “Romeu e Julieta”, que traz a focalização da voz de Julie Carpel, baseada em Julieta Capuleto, levando em consideração a vivência de novos conflitos não vistos no clássico. Assim, busco entender a contínua influência de Shakespeare na contemporaneidade, principalmente, para o público jovem-adulto que consome a literatura chamada de massa.

Palavras-chave: Escrita Criativa; Shakespeare; literatura de massa; Chloe Gong; Romeu e Julieta.

ABSTRACT

The following work consists of a theoretical part and a creative one. The theoretical part presents a personal essay on William Shakespeare's play "Romeo and Juliet" (2019), published in 1597, from the perspective of mass literature and how it continues to be incorporated into stories through reimaginings. To do this, I analyze the book *Prazeres violentos* by Chloe Gong (2022) as a direct reinterpretation of the tragedy, using the studies of Barbara Heliodora as the main theoretical reference, along with the books *Teoria da literatura de massa* by Muniz Sodré (1978) and *O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe* by Liana de Camargo Leão and Marlene Soares dos Santos (2022). I also utilized interviews with the writer Chloe Gong (2023) to understand how Shakespeare's play still offers inexhaustible ways to be retold even in the present day. In the creative part, I present four chapters of my untitled novel inspired by "Romeo and Juliet," which focuses on the perspective of Julie Carpel, based on Juliet Capulet, taking into consideration the experience of new conflicts not seen in the classic play. Thus, I aim to understand the continuous influence of Shakespeare in contemporary times, especially among the young adult audience who consumes mass literature.

Keywords: Creative Writing, Shakespeare; mass literature; Chloe Gong; Romeo and Juliet.

SUMÁRIO

1 PREFÁCIO	10
2 ATO I	12
2.1 CENA I: “VOCÊ ME CONHECE. EU ANDO POR AÍ. VIVENDO A VIDA, CAUSANDO INCÊNDIOS”	12
2.2 CENA II: “EMBORA NENHUM OUTRO HOMEM MACHUQUE MEU CORAÇÃO COMO ELE”	14
2.3 CENA III: “ONDE SANGUE CIVIL SUJA AS MÃOS DA MASSA”	17
2.4 CENA IV: <i>ASTRA INCLINANT SED NON OBLIGANT</i>	19
3 ATO II	30
4 POSFÁCIO	50
REFERÊNCIAS	51

1 PREFÁCIO

“E’ e ‘se’ são palavras que, por si, não apresentam nenhuma ameaça. Mas, se colocadas juntas, lado a lado, elas têm o poder de nos assombrar a vida toda. E se... E se... E se... Eu não sei como a sua história terminou, mas se o que você sentia naquela época era verdadeiro amor, então nunca é tarde demais” (CARTAS PARA JULIETA, 2011). Esse é o trecho da carta que provoca toda a jornada do meu filme favorito. A primeira vez que o assisti era uma criança, provavelmente na mesma época em que conheci “Romeu e Julieta”, de Shakespeare. Talvez a vida seja uma sequência de coincidências. Ou tudo acontece por uma razão maior, assim como as estrelas podem ter influenciado no azar do amor entre Julieta e Romeu. Finais de histórias podem ter a capacidade de nos despedaçar ou de nos preencher de maneiras inexplicáveis. Finais de histórias têm o poder de permanecer em nós. De ficar. Assim como fica a tragédia shakespeariana, que continuou me seguindo desde o instante em que li as últimas cenas. Entretanto, desfechos não precisam ser definitivos.

Astra inclinant sed non obligant é uma expressão latina que significa: “as estrelas nos inclinam, não nos obrigam” e me deparei com ela lendo *Prazeres violentos*, da Chloe Gong (2022, p. 362). Essa frase inflamou uma chama já existente em mim. Eu, que sempre detestei finais tristes, nunca fiquei satisfeita com a morte dos filhos dos Capuletos e dos Montéquios. Não era certo, não era aceitável. Então, decidi fazer algo a respeito. Eis o trabalho que nasceu aqui. Um fato semelhante ocorreu quando estava na época do vestibular e não sabia o que escolher: eu ouvi a música *Black Swan*, dos meus artistas favoritos, BTS, e tudo fez sentido. A arte sempre mexe com a gente; nos movimenta. Convenci-me de que Escrita Criativa era o caminho e de que as estrelas tinham me inclinado para isso — e me dei conta de que talvez não precisaria ter um fim triste, como acreditava até então. Tudo isso pode ter sido uma coincidência bem pensada, mas, com este trabalho, quis desafiar as estrelas. Por isso o título: *Astra inclinant sed non obligant*. Shakespeare diz que os astros orquestraram a morte das protagonistas; no entanto, *e se?* E se Romeu e Julieta não tivessem decidido morrer? E se o final não fosse eterno e eles pudessem ter sido felizes apesar de tudo? Algumas pessoas dizem que somos nós os responsáveis pelas nossas escolhas. Sendo assim, pensei no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para também alterar o destino de um dos meus clássicos favoritos.

De maneira estrutural, este TCC é dividido em duas partes: uma teórica e uma criativa. Na primeira parte, que nomeei de “Ato I” em homenagem à estrutura dramática, escrevi um

ensaio pessoal sobre a minha experiência com “Romeu e Julieta” e em como ainda podemos encontrar releituras no âmbito da literatura de massa. Para isso, utilizo do livro *Prazeres violentos*, de Chloe Gong (2022), como instrumento para entender o clássico do Bardo dentro de temáticas contemporâneas. Ademais, utilizo como referências, principalmente, de estudos da Barbara Heliadora, os livros *O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe*, de Liana de Camargo Leão e de Marlene Soares dos Santos (2022), e *Teoria da literatura de massa*, de Muniz Sodré (1978), além de entrevistas da autora Chloe Gong (2023) acerca da sua narrativa inspirada em Shakespeare.

Já para a criativo, nomeada “Ato II”, proponho os primeiros quatro capítulos do meu romance também inspirado em “Romeu e Julieta”. O romance segue os elementos da literatura de massa apontados durante o ensaio e se insere no gênero de fantasia. A história tem como protagonista a personagem Julie Carpelo, inspirada em Julieta Capuleto, e traz com mais força a voz da personagem. O enredo acontece numa cidade fictícia chamada Veríndio, do Reino de Dalia, local que sofre com o conflito entre as famílias Carpelo e Montes. Os primeiros capítulos seguem a lógica do primeiro ato da peça de Shakespeare, mas, após os acontecimentos iniciais, continuará no próprio conflito com aspectos semelhantes ao da tragédia. A ideia para o criativo é colocar em evidência o ponto de vista de Julieta, ao mesmo tempo em que tento abraçar a minha criança interior que tanto sofreu quando descobriu a morte dos protagonistas.

Mais que Romeu Montéquio, com o TCC, ousou desafiar os astros. Garantir, quem sabe, um desfecho mais gratificante do que “um par de amantes fadados ao azar” (SHAKESPEARE, 2019, p. 9).

2 ATO I

Desde pequena eu tive muita sorte com a literatura. Acostumada com uma casa cheia de estantes e amantes de livros, a imagem da minha mãe deitada lendo talvez seja uma das mais fortes da minha infância. Aprendi a apreciar páginas com amor e a admirar as lombadas com entusiasmo. Na hora de escolher uma escola, minha mãe não podia me matricular num lugar onde esse cuidado não fosse incentivado; por consequência, a minha educação também foi recheada de livros. Desde os anos iniciais, precisávamos ler um livro durante a semana e, no final de cada leitura, escrevíamos uma ficha de leitura. Foram nessas caixas de livros — e da biblioteca, onde foi meu santuário por muito tempo — que achei muitas histórias marcantes. Em alguma semana no meio do quarto ano do Ensino Fundamental, encontrei uma adaptação infantil de “Romeu e Julieta”, do famoso William Shakespeare. Eu não sabia do enredo, nem sabia da grandiosidade da obra, mas o peguei e levei para casa. Não era em formato de peça de teatro, era uma narrativa em prosa com algumas ilustrações das cenas mais marcantes. Foi um daqueles momentos importantes que me fizeram ficar apaixonada por literatura mais um pouco. Na verdade, tudo que lembro foi de uma Rafaela criança no banheiro da escola depois do recreio indignada com o final dramático das personagens, reclamando para as amigas que não entendiam o tamanho do seu desespero. Certamente foi ali que nasceu a certeza de que não seria minha última vez em me deixar ficar tão consumida por uma história ou em sentir o meu terror por finais tristes. Então, podemos dizer que a origem deste trabalho se remete a essa época.

2.1 CENA I: “VOCÊ ME CONHECE. EU ANDO POR AÍ. VIVENDO A VIDA, CAUSANDO INCÊNDIOS”

Graças a esse acontecimento, atribuo ao Shakespeare o meu desprezo por finais trágicos (e, o mundo artístico, a sua admiração). Após ler “Romeu e Julieta”, meu objetivo de vida se tornou encontrar alguma releitura, qualquer obra, com um desfecho que não me deixasse com um gosto amargo na boca. Nessa trajetória, me deparei com diversos filmes, livros e até mesmo músicas, mesmo inconscientemente, que me deram a possibilidade de preencher esse vazio. Entretanto, nunca pareceram o suficiente. Não era o que minha criança interior gostaria. Por isso me dei conta: se um dia escrevesse um livro, seria a minha versão de “Romeu e Julieta”. Percebi que cursar Escrita Criativa poderia ser um meio de alcançar o propósito de tentar evitar

a morte das protagonistas. Não sei se essa tentativa vai acolher a minha versão de 8 anos, mas, pelo menos, me possibilita completar a faculdade e encontrar uma paixão: a escrita. Então, espero que não tenha sido em vão. Porém, nem tudo são flores, ou doce e suave como declarações de amor sob uma varanda, e, infelizmente, uma escritora do outro lado do mundo teve a mesma ideia. Chloe Gong (2022), alguns anos mais velha do que eu, escreveu um livro com incursão no gênero fantástico, jovem-adulto (*Young-adult*), inspirado em “Romeu e Julieta” com sua própria visão da obra. Quando descobri *Prazeres violentos*, fiquei mais uma vez desolada por não ter feito isso antes e ansiosa para ter um volume em minhas mãos e saber se, enfim, achei o que tanto desejava (apesar da parte de mim lamentar que talvez precisasse mudar a ideia para o meu primeiro romance).

A verdade é que Gong (2022) escreveu o livro que gostaria de ter feito. Não exatamente como poderia ter imaginado, já que ela acrescentou elementos da sua cultura, mas porque usou recursos de literatura de massa — de onde vem a maioria do meu repertório de escrita —, novos conflitos e questões essenciais para as personagens principais. Mais do que isso, se preocupou em tratar sobre questões sociais, diversidade e colocar mais dramaticidade na trama. Porém vou me permitir parar momentaneamente aqui. A comparação entre “Romeu e Julieta” e *Prazeres violentos* será analisada mais adiante neste ensaio.

É evidente que, se tratando de William Shakespeare, o dramaturgo mais famoso do planeta, podemos encontrar em muitos lugares várias camadas de suas obras nas entrelinhas de outras narrativas. E, é claro, encontramos obras diretamente inspiradas em suas histórias. “Romeu e Julieta” é uma peça que marca gerações e permanece sendo reescrita e readaptada em diversos formatos artísticos, quer seja no teatro, no cinema, na música ou na literatura. A história de amor proibido entre Romeu e Julieta é usada como inspiração e referência no processo de criação de muitos artistas, tornando-se, inclusive, um arquétipo de amor juvenil. Apesar de ser retratado no cerne da história o tema do amor romântico, a peça ainda pode ser pensada através de outras temáticas: política, violência, feminismo e psicologia, indo muito além de apenas duas pessoas apaixonadas que ultrapassam as barreiras do ódio — mesmo que também seja este um tema importante. Por meio dessa visão é possível observar que criadores de conteúdo continuam utilizando-se do drama shakespeariano como fonte para tratar de diversas narrativas pertinentes ou manter essas personagens vivas.

Sendo assim, nos últimos anos, é possível observar no mundo da arte muitos enredos que fazem alusão à obra “Romeu e Julieta”. No cinema, só para citar alguns exemplos, surgiram

Cartas para Julieta (de 2010) — adaptação do livro de mesmo nome e com aprovação de 64% pelo público, segundo o *site Rottentomatoes* (2023) —; *Romeu + Julieta* (de 1996) e o musical *Amor sublime amor* (de 1961) — filmes que trazem o clássico para os Estados Unidos no século XX —; *Rosaline* (de 2022), que conta a versão da ex-amante de Romeu. Na música, destaco “Love Story (*Taylor’s version*)”, da Taylor Swift, e o álbum “hopeless fountain kingdom” (2017), da Halsey, para ficar com dois exemplos bem pontuais. E, na literatura, cito, sem pretender esgotar a lista, *À sombra de Romeu e Julieta*, de Melinda Taub (2017), que ganhou uma série de TV; *A ponte entre reinos*, de Danielle L. Jensen (2022), livro de fantasia e de sucesso no TikTok; *Romieta e Julieu: tecnotragédia amorosa*, de Ana Elisa Ribeiro (2022), ganhador do prêmio Jabuti 2022 na categoria juvenil; e, o que será objeto de análise aqui, *Prazeres violentos*, da Chloe Gong (2022). Mais do que serem releituras do clássico, todas elas parecem se enquadrar, à sua maneira, naquilo que se chama literatura de massa, espaço que movimenta muito o mundo das artes, permitindo que chegue em uma audiência a qual, muitos anos atrás, não teria acesso a essa história.

2.2 CENA II: “EMBORA NENHUM OUTRO HOMEM MACHUQUE MEU CORAÇÃO COMO ELE”

William Shakespeare nasceu em 1564 numa cidade inglesa chamada Startford-upon-Avon, e não foi apenas um dramaturgo, mas também um poeta de grande sucesso. Com suas peças escritas em versos, acrescentando beleza e sonoridade às falas dos atores, é considerado um dos maiores nomes da literatura de todos os tempos. Muito se questiona sobre a sua existência ou sua autoridade sob os textos: “[...] isso se deve, sobretudo, à ausência de documentação escolar somada a uma falta de informações sobre os ‘anos perdidos’” (HELIODORA, 2014, p. 13). Segundo Barbara Heliodora (2014), no livro *Shakespeare: o que as peças não contam*, entretanto, todos esses debates acerca da existência de Shakespeare caem por terra, pois, durante sua vida, jamais duvidaram de sua identidade. Essa falta de acesso aos documentos também coloca em debate o ano em que suas peças foram escritas. No caso de “Romeu e Julieta”, sabemos que a primeira edição foi publicada em 1597, por atores que trabalharam em uma montagem cortada, a qual reconstruíram de memória, e que houve uma segunda edição autorizada com mais mil e setecentos versos vindos do manuscrito de Shakespeare dois anos depois (HELIODORA, 2011, p. 8). O que se tem certeza é que a tragédia de Verona é a única peça lírica de sua autoria, especulando-se que tenha sido escrita no ano de

1595. De tudo isso, o mais interessante é que Shakespeare tinha o costume de tomar textos já existentes para “consertá-los” — muito pertinente, pois aqui estou falando sobre reimaginações e reescritas. “Romeu e Julieta”, então, acaba por ser um desses textos (HELIODORA, 2014, p. 10).

Muito se discute acerca da origem do amor proibido shakespeariano mais célebre. Heliadora (2011), no prefácio de “Romeu e Julieta”, afirma que a tragédia deve sua semente em uma historieta grega do século III, na qual retrata uma mulher que foge do seu casamento ao recorrer à simulação de sua morte, ou inspirada em uma narrativa semelhante do autor italiano Luigi da Porto. A realidade é que a inspiração direta de Shakespeare foi o poema “The tragicall historye of Romeus and Juliet”, publicado por Arthur Brooke, em 1562, traduzido de um poema italiano de Matteo. Apesar de a peça do Bardo e o poema narrativo de Brooke terem enredos muito parecidos, há algumas divergências que marcam as duas obras. Proponho analisar esta parte:

Nigh to the seat where she must sit, the dance once being done.
 Fair Juliet turned to her chair with pleasant cheer,
 And glad she was her Romeus approachéd was so near.
 At th' one side of her chair her lover Romeo,
 And on the other side there sat one called Mercutio;
 A courtier that each where was highly had in price,
 For he was courteous of his speech, and pleasant of device.
 Even as a lion would among the lambs be bold,
 Such was among the bashful maids Mercutio to behold.
 With friendly gripe he seized fair Juliet's snowish hand:

A gift he had that Nature gave him in his swathing band,
 That frozen mountain ice was never half so cold,
 As were his hands, though ne'er so near the fire he did them hold.
 As soon as had the knight the virgin's right hand raught,
 Within his trembling hand her left hath loving Romeus caught.
 For he wist well himself for her abode most pain,
 And well he wist she loved him best, unless she list to feign.
 Then she with tender hand his tender palm hath pressed;
 What joy, trow you, was grafféd so in Romeus' cloven breast
 The sudden sweet delight hath stoppéd quite his tongue
 [...]

But ere she could speak forth the rest, to her Love drew so near

And so within her mouth, her tongue he gluéd fast,
 That no one word could 'scape her more than what already passed.
 In great contented ease the young man straight is rapt:
 "What chance," quoth he, "un'ware to me, O lady mine, is hapt,
 That gives you worthy cause my coming here to bliss?"
 Fair Juliet was come again unto herself by this:
 First ruthfully she looked, then said with smiling cheer:
 "Marvel no whit, my heart's delight, my only knight and fere,
 Mercutio's icy hand had all-to frozen mine [...]" (BROOKE, 2020, p. 9)

Nesse trecho do poema, é possível perceber uma das dissonâncias: aqui Mercúcio é apenas um dos pretendentes de Julieta e não amigo de Romeu, como Shakespeare imaginou. À personagem cabe o papel de ser aquela que vai servir de oposição, a fim de mostrar os sentimentos da protagonista. Ao tocar em Mercúcio, Julieta percebe que suas mãos são muito geladas, ao contrário das de seu amor, Romeu, que são macias. “The tragicall historye of Romeus and Juliet” conta com outras diferenças, como o tempo cronológico. Em “Romeu e Julieta” tudo acontece em um período de uma semana; já no poema ocorre em meses. Também temos a nomeação da personagem de Rosalina por Shakespeare e o conhecimento da origem do conflito entre as famílias, ou seja, a inveja que sentem uma pela outra. São detalhes que fazem a tragédia shakespeariana se destacar, ao mesmo tempo que se mantém fiel ao desfecho original do poema.

Enquanto Brooke utilizou da história como uma pregação moral, lutando contra os prazeres da luxúria e a perdição, incentivando os jovens a obedecerem aos pais e às autoridades, Shakespeare o adapta para o seu contexto: a Inglaterra. Quando estava escrevendo o conflito dos Capuletos e dos Montéquios, o governo monárquico passava por um conflito com o parlamento. Dentro dessa realidade, o teatro, que era tão prestigiado no país e pela rainha Elizabeth I, passou por momentos complicados quando “Oliver Cromwell, líder da *Commonwealth*, ordenou o fechamento e a destruição de tais ‘antros do demônio’, como ele e todas os puritanos consideravam o teatro” (HELIODORA, 2008, p. 71). A maior preocupação do dramaturgo, então, ao contar essa história, ao contrário de Brooke, no meu entendimento, foi dar ênfase ao conflito entre as famílias rivais que perturbava Verona. Isso se deve a sua dedicação de preservar o bem-estar e a paz da sociedade que, naquele momento, passava por confrontos políticos. “Romeu e Julieta”, a partir de Shakespeare, acabou por se tornar um

sucesso, como Marlene Soares dos Santos (2022, p. 349) afirma em *O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe*:

A popularidade da tragédia “Romeu e Julieta” é incontestável. Ela foi sendo adquirida desde a segunda metade dos séculos XVIII e XIX nos teatros ingleses, e se expandindo universalmente através da criação de novas formas de comunicação como o cinema, a televisão e a internet, mais o crescimento da indústria cultural.

Shakespeare viveu no período elisabetano, na Inglaterra, era de ouro na qual o teatro passava pelo seu ápice. Barbara Heliodora (2008), em seu artigo “Os teatros no tempo de Shakespeare”, no livro *Shakespeare, sua época e sua obra*, comenta que as peças eram muito populares e os teatros eram frequentados por todas as classes econômicas da população — sabe-se que cerca de 30 mil pessoas iam aos espetáculos durante uma semana —, muito beneficiadas, principalmente, pelo falta de opções de entretenimento. O sucesso e a popularidade do teatro, fato que privilegiou, assim, o Bardo, se deu pela transição do teatro medieval para o renascentista, permitindo a mudança do referencial religioso ao ser humano. Por essa razão, o gosto pelo drama entrou na graça do povo e, dessa forma, as temáticas passaram a refletir os pensamentos e os sentimentos da sociedade, deixando de ser exclusivas a apenas um ciclo social, conforme explica Heliodora (2008). É a partir dessa visão popular da dramaturgia e pensando em *Prazeres violentos*, que traz uma releitura da peça shakespeariana já canônica, que passo a falar no conceito de literatura de massa.

2.3 CENA III: “ONDE SANGUE CIVIL SUJA AS MÃOS DA MASSA”

Segundo Mário Pontes, no prólogo do livro *Teoria da literatura de massa*, de Muniz Sodré (1978), a literatura de massa é resultado das problematizações (internas ou externas) trazidas pela sociedade moderna. Sodré (1978, p. 32) conta que a origem desse termo vem com os folhetins dos romances do século XIX: “através de personagens modelares, definidos nas vicissitudes de uma aventura, insinuam-se padrões socialmente desejáveis de comportamento e de atitudes”. Em outras palavras, a literatura de massa surge como uma necessidade comercial e capitalista do mercado editorial, colocando-se no meio das massas com o objetivo de entreter, de divertir e de higienização mental.

Na academia, muitas vezes, esse tipo de literatura é malvisto ou dito como inferior por não seguir o discurso literário culto e não se preocupar, aparentemente, com a arte literária no

uso da linguística. No entanto, esse fato não pode tirar a sua credibilidade, já que “[...] tem, entre suas determinações produtivas, o aparelho informativo-cultural” (SODRÉ, 1978, p. 80). Por ter seu início no meio jornalístico, no lugar de ter preocupação com o uso da palavra como arte, a literatura de massa se importa em informar, divulgar ideias em grande tiragem, o que também a torna extremamente essencial para a formação de um leitor. Normalmente, os livros que se encaixam nessa categoria apresentam uma estrutura parecida: há a presença de um herói que passa por uma trajetória marcada por oposições míticas, por exemplo.

Apesar de a literatura de massa seguir essa fórmula, pois é fundamentada quase sempre na base do mercado preocupada na venda e no lucro do livro, ela se utiliza da técnica de escrita para aumentar a credibilidade da narrativa, já que, por ser um aparelho informativo-cultural, precisa colocar ao longo da narrativa dosagens de informações. Por causa disso, trabalha com “conteúdos significativos que existem como ideologias fora dela” (SODRÉ, 1978, p. 92), resquício da sua origem em folhetins que continham, além de um herói lutando contra o mal, a necessidade de expor as doutrinas da época e os temas em debate através de estilos consagrados e bem-sucedidos da “literatura culta”. Considerando essas características, é possível ver que, até hoje, nos romances populares, existem personagens bem caracterizadas, o uso de diálogo para enriquecer as constantes ações que condicionam a curiosidade do leitor, entre outras técnicas narrativas.

A preocupação vai além do mercado, pois os enredos enquadrados na literatura de massa, como explica Sodré (1978, p. 81), “se coloca[m] no centro da questão social, revelando aspectos da construção do império capitalista e da miséria das populações”, além de apresentarem muitas vezes críticas diretas e indiretas sobre os problemas sociais decorrentes. Também, como acrescenta Sodré (1978, p. 82), a partir dos estudos do sociólogo Yves Oliver-Martin, “[...] a exibição de temas populares pelo folhetim disfarça a apropriação, pela indústria da informação e da cultura, das possibilidades de expressão literária popular”.

Ou seja, a urgência do lucro dentro do sistema capitalista causa o apoderamento de pautas sociais para o próprio benefício, transformando o leitor em um sujeito-consumidor. Com isso, volto à lógica de que a literatura de massa tem como um de seus objetivos divulgar doutrinas e ciências externas ao mundo artístico, surgidas da ordem social estabelecida pela máquina industrial. No entanto, hodiernamente, existe um movimento de autores que tentam colocar em suas narrativas elementos, como diversidade e visibilidade para grupos minoritários,

que não necessariamente se encaixam nos padrões pré-estabelecidos pelo mercado, como vou observar em *Prazeres violentos*.

Como dito, e reforçado no artigo de Joice Ribeiro M. Antonelli (2021, p. 37), intitulado “A vez do leitor: literatura de massa e(n)tre novas práticas de leitura”, a “[literatura de massa] tem sua importância no processo de despertar no indivíduo a paixão pela leitura”, e isso se deve pelos inúmeros gêneros e a variedade de públicos a qual atinge. Esses livros, muitas vezes *best sellers*, acrescentam novos componentes, revisitando histórias “clássicas”, que são colocadas num lugar de reflexão e quase sempre são situadas no contexto da nossa sociedade contemporânea. Isso não deixa de ser comparável ao que Shakespeare fez com “Romeu e Julieta”, ao reescrever a história de amor de Brooke, já que se permitiu utilizar-se de algo já contado para fazer uma nova versão com novos objetivos; no caso, entre outras temáticas possíveis de análise, colocar em cena conflitos que perturbam a paz civil. Hoje, esse processo pode acontecer quando autores buscam em obras canônicas elementos para criarem as suas narrativas, reinterpretando-as e reescrevendo-as. Com esses livros, que não raras vezes se destinam ao público mais jovem, é possível a existência de um despertar nos leitores o desejo de buscar a origem de seus enredos favoritos com um olhar crítico e inovador, pois os livros ditos de literatura de massa, na minha opinião, acabam sendo um importante motor para o movimento das artes. Um exemplo que venho propondo, então, é o da autora Chloe Gong.

2.4 CENA IV: *ASTRA INCLINANT SED NON OBLIGANT*

Chloe Gong nasceu na China em 1998, mas cresceu em Auckland, na Nova Zelândia. Formada pela Universidade da Pennsylvania em Relações Internacionais e Inglês, começou a escrever e publicar na internet aos 13 anos de idade. Lançou duas duologias *Young-Adult* (YA) que compõem o universo de *Secret Shanghai*, composta pelos livros *Prazeres violentos* e *Our Violent Ends*, a releitura de “Romeu e Julieta” (que vamos analisar a seguir), e *Foul lady fortune* e *Foul heart huntsman* (estes três últimos ainda sem publicação no Brasil), uma releitura de “Marco Antônio e Cleópatra”, de Shakespeare. Atualmente está escrevendo uma nova série

adulta chamada *Flesh and false gods*. Porém, o que nos interessa aqui, insisto, é seu primeiro livro¹.

O livro *Prazeres violentos* traz o clássico shakespeariano para o século XX em uma Xangai dominada por forças estrangeiras e palco de uma disputa entre gangues, a Sociedade Escarlata e os Rosas Brancas. Todos precisam escolher seu lado, pois um passo em falso pode causar a morte; tudo está à beira do caos e a rivalidade está mais acirrada desde que Roma Montegov traiu Juliette Cai. Destaco que ambos são herdeiros das gangues inimigas e que costumavam ser amantes. A disputa pelo domínio de Xangai entre as gangues, o Partido Comunista e as influências internacionais tornam as ruas ingovernáveis, mas tudo piora com o início de uma epidemia que causa a dilaceração de pescoços. Agora, pessoas de ambos os lados começam a morrer e boatos de que um monstro está por trás do surto circulam. No meio disso, está Juliette, recém-chegada dos Estados Unidos, e Roma, lidando com sua posição hierárquica, que precisam ignorar seu passado conturbado e sua inimizade, sendo obrigados a trabalhar juntos para salvar Xangai.

Lançada pela primeira vez em 2020 nos Estados Unidos, o romance é uma ficção histórica e fantástica aclamada pela crítica e *best seller* do *New York Times* por vinte semanas seguidas, tornando Gong a autora mais jovem a ter sua estreia na lista. Como afirmei antes, é uma releitura direta de “Romeu e Julieta” com novidades que o encaixam como literatura de massa. Aqui, nossas protagonistas, Juliette Cai e Roma Montegov são ex-namorados e filhos dos chefes de gangues inimigas que lidam com as forças internacionais de uma Xangai de 1926. Gong (2022) retrata aspectos da migração, empoderamento feminino, ódio, amor, autoridade, problemas de juventude, com um toque de fantasia: em *Prazeres violentos*, o inimigo não é apenas o imperialista europeu e estadunidense, mas também um monstro que vive nas profundezas do rio Huangpu — responsável por uma epidemia sangrenta.

Ao ser questionada sobre a ideia de uma reinterpretação de “Romeu e Julieta”, Chloe Gong (2023b) disse o seguinte em uma entrevista à Editora Alta Novel, responsável pela publicação aqui no Brasil:

Foi o tema que veio primeiro. Eu queria escrever uma história de rixa de sangue. Eu queria escrever sobre duas famílias em guerra e quando tive essa ideia é impossível apresentar uma coisa dessas sem que alguém diga: “ah, é igualzinho a Romeu e Julieta”. Assim, minha decisão foi mergulhar de cabeça nessa comparação em vez de “não, não tem nada a ver com Romeu e Julieta” porque tem.

¹ Para mais informação, ver: THE CHLOE GONG. Disponível em: <https://thechloegong.com/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

Em uma reportagem *online* para Bronwyn O’Neill (2023), na revista *Evoke*, em 2021, a autora acrescenta que reimaginar o clássico “pode fazer uma ideia ainda mais valiosa se dar uma perspectiva que pode não ter sido muito vista em mídias *mainstream* antes”, além de permitir que criasse uma história que sempre quis ler, como relata:

Quando eu era uma leitora adolescente procurava por todo lugar um rosto como o meu nas estantes. Eu amava, mas sempre parecia separado entre histórias de identidade, que pessoalmente não me interessavam, ou histórias fantásticas com personagens com identidades hegemônicas. Como autora agora, estou tentando criar histórias que eu gostaria de ter tido. (GONG, 2023, tradução minha)

Graças ao desejo de acrescentar elementos não tratados antes, identifico que a autora propôs um espaço de discussão para temas muito debatidos nos dias de hoje, tais como representatividade, imigração, feminismo e colonialismo. Para ela, essa inclusão era óbvia, visto que, sem ela, não estaria refletindo a realidade e que ter a existência de representatividade significa muito mais do que dar uma visibilidade positiva (GONG, 2023). Em outras palavras, a obra traz um ar contemporâneo por intermédio de novos elementos, a saber: algumas personagens fazem parte da comunidade LGBTQIAP+, como Kathleen, que é uma mulher trans; outras são imigrantes, representadas pela família Montagove, que vem da Rússia; e chineses que sofrem com a colonização estrangeira. Tudo isso pode abrir reflexões fundamentais para os leitores em relação à obra canônica, demonstrando o caráter de literatura de massa. A reescrita permite a expansão dessas ideias em larga escala para um público jovem que, por meio das mídias sociais, como TikTok e Instagram, vem se engajando em temáticas sociais que promovem uma maior inclusão. Aliás, é importante ressaltar que o uso das redes também se mostra essencial para a divulgação dos livros ditos “de entretenimento”, pois alcançam uma maior audiência.

De resto, há, sem dúvida, outros elementos de literatura de massa. Existe uma protagonista — também revolucionária à medida que se trata de uma heroína chinesa com o poder que geralmente é concedido apenas a heroínas brancas, enquanto as personagens asiáticas costumam ser apenas as melhores amigas ou o arquétipo do dragão assustador (GONG, 2023e) — lutando contra o monstro que, segundo Gong (2023c), é uma representação tangível do colonialismo sofrido na China.

Ao longo da leitura de *Prazeres violentos* existem, não somente diferenças com o clássico que o torna um livro de literatura de massa, mas também semelhanças. Há citações

diretas de falas originais das personagens e de cenas que fazem menção à peça shakespeariana. É importante ressaltar que a narrativa não se preocupou em seguir a ordem cronológica de “Romeu e Julieta”. Entretanto, logo de início, vemos que o prólogo do romance é um paralelo claro do Ato I, Cena I, de Shakespeare: temos na cena dois Escarlates, possivelmente Sansão e Gregório, saindo de um bordel no meio da madrugada. Eles acabam cruzando com cinco Rosas Brancas, membros da sua gangue inimiga. Da mesma forma que em Shakespeare, as sete personagens acabam entrando em conflito, como se vê a seguir:

No momento em que os Rosas Brancas entram em seu campo de visão, na hora em que os homens avistam seus rivais parados em um dos portos, passando garrafas de mão em mão, trombando de ombros com as gargalhadas, nenhum dos grupos pode recuar sem ter sua reputação manchada.

Os Rosas Brancas se endireitaram, um grupo de cabeças se inclinando ao vento. [...]

— Ele disse que não devemos começar nada, mas nunca disse que *não podemos* entrar em brigas. [...]

— E aí, vocês estão a fim de briga?

O Escarlata mais alto emite um ruído baixo na base da garganta e mira um cuspe nos Rosas Brancas, que cai perto do sapato do que está mais próximo deles. (GONG, 2022, p. 3, grifos da autora)

Na versão do Bardo:

SANSÃO: Quero dizer, se formos incitados à ira,
sacamos a espada. [...]

Deixemos a lei do nosso lado; que eles comecem.

GREGÓRIO: Franzirei a testa quando passarem, e eles que
entendam como quiserem

SANSÃO: Não, como ousarem. Morderei meu polegar,
o que será uma ofensa para eles se não retrucarem.

Entram Abrãao e Baltasar

ABRÃO: Mordes o polegar, senhor? (SHAKESPEARE, 2019, p. 11)

A icônica passagem de Romeu na sacada de Julieta, tão reconhecida na cultura mundial, também não poderia ficar de fora. Em Shakespeare, essa cena acontece no Ato II, Cena II, após Romeu pular o muro e aceder o jardim dos Capuletos para encontrar Julieta apoiada em sua sacada admirando a noite e lamentando ter se apaixonado logo pelo seu maior inimigo, o filho dos Montéquios. Aqui, eles se declaram e fazem juras de amor por meio de belas metáforas sobre as estrelas, o Sol e a Lua, muito recorrentes ao longo das duas histórias, e prometem se

casar. Chloe Gong (2022), ao contrário, não preencheu o momento com amor, mas marcou a sacada como o princípio da união entre os ex-namorados para salvar Xangai e, portanto, sua reaproximação. Segue o trecho:

Juliette levantou-se em um salto. Alguém estava *batendo* de forma ritmada nas portas de vidro de sua sacada no segundo andar.

— Não — disse Juliette, com a voz alta e aborrecida.

A batida veio novamente, lenta, intencional. [...]

Juliette se levantou com dificuldade e irrompeu em direção ao som, abrindo as cortinas com mais força do que o necessário. Enquanto o tecido voltava ao seu lugar, ela viu uma figura familiar sentada tranquilamente no parapeito da sacada, balançando as pernas, iluminada por trás pelo brilho da luz crescente. Ela engoliu em seco. [...]

— *Eu* vou atirar em você — vociferou Juliette.

— Não vai, não. Abra a porta, *dorogaya*.² (GONG, 2022, p. 217, grifos da autora)

Na peça, nessa cena também ocorrem as seguintes falas:

JULIETA: Ó Romeu, Romeu! Por que és tu, Romeu?

Renega teu pai e recusa teu nome; ou, se não,

pelo menos jura me amar, que uma

Capuleto deixarei de ser. (SHAKESPEARE, 2019, p. 49)

E, em um dos momentos que Juliette relembra seu passado com Roma, se estabelece um diálogo no qual acontece uma referência: “Você imagina como a vida seria se tivesse um sobrenome diferente? [...]” (GONG, 2022, p. 176). Além disso, Roma afirma algumas vezes que odeia ser um Rosa Branca, apesar de odiar ainda mais não o ser, já que o nome Montagov permitia que tivesse poder e, assim, ficar protegido.

Não são apenas essas similaridades. Ocorrem outros acontecimentos que trazem insinuações, algumas cenas de conflito de Tyler contra Marshall e Roma, personagens que serão analisadas mais adiante, os encontros entre Juliette e Roma, que se dão quase exclusivamente durante a noite, a presença de um veneno capaz de parar o coração de um organismo, a ida a um bar-bordel chamado Mantua (nome da cidade aonde Romeu vai após ser exilado de Verona), entre outros momentos; porém, temos diferenças bem-marcadas.

² *Dorogaya*, em russo, significa “querida” (WORDREFERENCE, 2023).

Quando se trata de “Romeu e Julieta”, se fala impreterivelmente sobre o final desafortunado, então, quando se pensa em releituras, o primeiro questionamento acaba por ser sobre o desfecho. Quando escolho uma dessas reescritas, pelo menos, é o que acontece comigo. Como *Prazeres violentos* é uma duologia, é de se esperar que o fim das protagonistas não seja tão definitivo quanto a morte, porque a sua história continua, mas a pergunta acaba me assombrando em todos os possíveis finais imaginados para o romance. Neste ensaio, abordo apenas o primeiro livro e, não, *Our Violent Ends* que conteria a cena final de Juliette e Roma, porém Chloe Gong não deixou que esse fato comprometesse o drama indispensável de Shakespeare. Essa é a diferença mais importantes do enredo: a morte das personagens acontece na “pré-narrativa”, quando elas ainda estão juntas e se separam graças à traição de Roma à Juliette: um acidente mortal que ainda deixa marcas no conflito narrado em *Prazeres violentos*. O que ocorre, a meu ver, é a morte metafórica: o momento em que ambos deixam de ser jovens imaturos, esperançosos e apaixonados, e precisam enfrentar a realidade de serem os herdeiros das gangues mais perigosas da cidade, o que não permitiria a continuidade do seu amor. A autora altera, da mesma forma, o primeiro encontro do casal, conforme é possível ver no trecho a seguir:

Naquela época, ela não sabia quem era ele, mas Roma sabia quem era *ela*. Ele revelaria meses depois ter jogado aquela bolinha de gude nela de propósito, para ver como ela reagiria enquanto esperava nos portos. A bola de gude parou perto do sapato de Juliette — sapatos norte-americanos, que não combinavam com o tecido e solas pesadas que pisavam com força ao redor dela.

— É minha.

[...] O sotaque com o qual falara o dialeto local era ainda melhor que o dela, mesmo que o tutor de Juliette se recusasse a falar qualquer idioma exceto xangainês caso ela esquecesse.

Juliette rolou a bolinha de gude para a palma da mão, fechando os dedos em volta dela com força.

— É *minha* agora. (GONG, 2022, p. 88, grifos da autora)

É assim que as personagens se conhecem, contudo, na linha temporal de *Prazeres violentos*, o primeiro encontro de Juliette e Roma acontece de uma maneira paralela ao Baile de Máscaras dos Capuletos, como ocorre na peça. No romance, esse primeiro contato ocorre dentro de uma boate burlesca no território Escarlata, quando Roma procura Juliette para resolver a morte misteriosa de seus companheiros.

Na verdade, as principais diferenças estão presentes nas personagens e no acréscimo de temas centrais, voltando à discussão do porquê se encaixa na literatura de massa.

Primeiramente, podemos destacar os nomes das protagonistas. Como já apresentei, as personagens são de outros países e não da Itália e, a partir do meu ponto de vista, penso ser coerente a autora ter sentido a necessidade de modificá-los. Na narrativa, inclusive, há um diálogo que explica essa mudança: “Cai Junli — disse ela, com um tom monótono. — Mude a pronúncia um pouquinho e Junli vira Juliette” (GONG, 2022, p. 234). Juliette, dessa forma, também viria a ser o equivalente de Julieta nos Estados Unidos, país onde passou grande parte da vida. Já o nome de Roma deriva da sua língua materna, russo, significando Romano no diminutivo, o que, em português, equivaleria a Romeu³. Sendo assim, a maioria das personagens tem uma versão correspondente a da obra de Shakespeare, percebidas através da sua letra inicial. Por exemplo, Benedikt e Marshall são a representação de Benvólio e Mercúcio, respectivamente, os melhores amigos de Romeu; eles desempenham o mesmo papel, mas com algo diferente: ambos são secretamente apaixonados um pelo outro, o que não é possível decifrar na história original. Contudo, essa não é a única representação LGBTQIAP+, pois temos Kathleen, que já referenciei neste ensaio, uma personagem totalmente criada na narrativa, uma mulher trans, irmã gêmea de Rosalind (equivalente à Rosalina), lutando para achar uma maneira de viver protegida, visto que precisa ficar em segredo sob a identidade de sua falecida irmã. Sua realidade é percebida através deste fragmento:

Kathleen, Rosalind e Celia.

Uma menina que passou a vida inteira doente.

Uma menina que estava treinando para ser a estrela mais brilhante de Xangai.

E uma menina que só queria ser deixada em paz e viver sendo ela mesma.

Kathleen cerrou os punhos e rangeu os dentes, afugentando as memórias. Seu pai a teria forçado a viver escondida se tivesse conseguido o que queria. Ele preferia deserdá-la a deixá-la retornar a Xangai usando um *qipao*, e Kathleen preferia fazer as malas e atravessar a Europa por conta própria a seguir sendo o filho pródigo do pai.

A jovem supunha ter sido sorte que Kathleen Lang — a Kathleen verdadeira — tenha falecido devido à gripe, duas semanas após ficar doente. [...]

— Eu não te chamarei de Celia — o pai disse no porto, carregando as malas. — Não é o nome que lhe dei ao nascer — lançou um olhar de soslaio à filha. — Mas te chamarei de Kathleen. E, salvo por Rosalind, não comente isso com ninguém. É para a sua própria segurança. Entenda.

Ela entendeu. Ela lutou muito, por toda a sua vida, para ser chamada de Celia, e agora seu pai queria lhe dar um nome diferente e... ela poderia aceitar aquilo. As trigêmeas Lang ficaram longe de Xangai por tanto tempo que nenhuma alma viva questionou a mudança de fisionomia de Kathleen quando finalmente voltaram. Exceto Juliette [...]. (GONG, 2022, p. 124)

³ Cf. Nomeme, 2023.

Tyler Cai, como Teobaldo, é o primo de Juliette que desafia sua posição como herdeira da Sociedade Escarlata e que continua sendo a personagem que mais incita o ódio dos Rosas Brancas. Paul Dexter, como Páris, tem um interesse amoroso em Juliette e, ao final, é revelado como sendo um dos vilões. Há a presença indispensável de Lourens, o cientista responsável por entender como funciona o vírus do monstro e o criador do veneno roubado por Juliette para usar em Marshall e garantir a segurança de Roma; no romance, por mais que seja um homem da ciência, mantém sua fé em Deus, como o Frei Lourenço. Os Lordes Cai e Montagov, ao contrário dos Senhores Capuleto e Montéquio, estão constantemente aparecendo no romance e deixando mais em evidência um dos temas marcantes de “Romeu e Julieta”: a opressão e a dificuldade de diálogo que os jovens têm com os pais. Vale ressaltar que Juliette e Roma sofrem muita pressão por serem os herdeiros e estão em conflito com o que se é esperado e o que querem, muitas vezes mostrando dificuldade em serem ouvidos. Isso fica óbvio quando ambos sugerem que seus pais se encontrem para tentarem resolver juntos a epidemia em Xangai, o que de fato aconteceu, como se vê nesse trecho: “E, embora ela acreditasse muito em seu argumento enquanto o proferia, tomou o maior susto de sua vida quando seus pais *concordaram*” (GONG, 2022, p. 183, grifos da autora), sendo essa a única vez que eles aceitam algum dos conselhos dados por seus filhos.

Como afirma João Roberto de Castro Neves (2021), em “Romeu e Julieta — um guia para compreender os jovens”, a peça do Bardo aborda a juventude a partir de algumas perspectivas, a saber: a forma ansiosa de se relacionar com o mundo, do amor, da descoberta do sexo, da busca pela identidade, do teste dos limites, das drogas, da dificuldade de diálogo com os pais, da solidão e da descoberta do livre-arbítrio. Essas temáticas, mais as acrescentadas em *Prazeres violentos*, o colonialismo, a imigração, o feminismo e, o que já foi analisado, da comunidade LGBTQIAP+, podem ser pensadas por intermédio das visões de Juliette e de Roma.

Na história de Gong (2022), um dos pontos mais fortes que percebo é a busca de identidade, principalmente pela personagem da Juliette. Por ela ter apenas 18 anos, e ter tanta pressão em seus ombros, é normal que ainda se pergunte onde se encaixa no mundo e reflita sobre quem é de fato. Esse pensamento, em seu caso, acontece de maneira recorrente justamente porque Juliette, mesmo sendo a herdeira da Sociedade Escarlata, viveu nos Estados Unidos desde muito pequena, aprendendo diversas línguas e buscando se encaixar no mundo das

peessoas ao seu redor. Há muitas passagens que comprovam o seu sentimento de não pertencimento, visto que, quando estava no Ocidente era muito oriental; e, quando estava no Oriente, muito ocidental. Se pode ver isso em dois fragmentos diferentes:

Juliette alisou a malha de seu *qipao*, pressionando as partes amarrotadas que se acumulavam por baixo de seu vestido. [...] Parecia dissimulação, de certa forma, vestir um tipo de roupa que ela não usava há anos. E como mentir — para si mesma, para a imagem que vinha cultivando antes de pôr os pés de volta na cidade. (GONG, 2022, p. 131)

Então, aonde quer que Juliette fosse, usava vestidos cintilantes. Desdenhava das roupas feias que outras garotas usavam e, quando sua mãe, tentava fazê-la aderir à moda comum, ela rasgava em pedaços as blusas sem graça de seu closet, deixando os retalhos descerem pela descarga no encanamento recém-reformado. Ela destruíra todos os *qipao* e deixava de lado o lenço de seda que Lady Cai tentava fazê-la usar. [...] Ela preferia se tornar uma pária a admitir que o sangue em suas veias era um produto do Oriente. (GONG, 2022, p. 234)

Além disso, a figura de Juliette, ainda mais forte que na imagem de Julieta, é fundamental para compreender o papel da mulher dentro da sociedade e suas transgressões. Marlene Soares dos Santos (2021, p. 355) diz que, apesar dos nomes do casal darem o título da história shakespeariana, a heroína Julieta se sobressai como protagonista. E o mesmo acontece com Juliette. Ambas as personagens transgridem os valores conservadores de sua época e estão determinadas a agir e a pensar da maneira que acharem adequado. Ambas estão presentes nas cenas mais impactantes e são as personagens que tomam iniciativas. Além disso, são corajosas, vencem seus medos e acabam sozinhas. Especificamente, o fato de Juliette ser treinada em lutas, em uso de armas e em diversas áreas de conhecimento, faz com que ela se torne independente e temida. Como se vê na narrativa: “Assassina. Violenta. Impiedosa. Tudo isso, e mais, era a atual Juliette” (GONG, 2022, p. 45).

Quando me inclino para o lado de Roma, a situação da imigração aparece com força, visto que sua família é da Rússia e fugiu da Revolução *Bolchevique*. O fato de sua família ser pertencente aos Rosas Brancas é justamente esta: ter certeza de que vão ter um lugar e que estarão protegidos. Trago este segmento como exemplo:

[...] os refugiados russos que chegavam a Xangai faziam qualquer coisa para se juntar ao quadro dos Rosas Brancas, qualquer coisa para reconquistarem a sensação de pertencimento que deixaram para trás quando os Bolcheviques bateram à porta. [...]

Assim eram para os homens, pelo menos. As russas desafortunadas o bastante para não nascerem como Rosas Brancas trabalhavam como dançarinas ou meretrizes. [...] As refugiadas faziam o que tinham que fazer; bússolas morais não valiam de nada face à fome. (GONG, 2022, p. 26)

Porém, para mim, a característica mais evidente de *Prazeres violentos* é a presença dos europeus e dos estadunidenses, que transformaram totalmente a cidade de Xangai e a vida cotidiana dos chineses, sendo então os maiores antagonistas da história. Enquanto, em “Romeu e Julieta”, Verona era apenas o palco de conflito entre duas famílias italianas, Xangai é a própria história, a personagem em constante movimento, afetando as protagonistas. *Prazeres violentos* não poderia acontecer em outro lugar do mundo, pois simplesmente não seria o mesmo enredo. A presença desse confronto é percebida em trechos como estes:

— Agora os franceses controlam a Concessão Francesa. Os britânicos, os norte-americanos e os japoneses detêm a Concessão Internacional. E estamos guerreando com os Rosas Brancos pelo controle estável de todo o resto, o que é uma proeza por si só, considerando que restaram tão poucas zonas dominadas por chineses... [...]

Pensar nisso magoava Juliette. No primeiro dia de seu regresso, ela parou do lado de fora do Jardim Público, avistou uma placa com os dizeres PROIBIDA A ENTRADA DE CHINESES, e começou a rir. Quem, em sã consciência, proibiria chineses de entrar em um espaço de seu próprio território? Apenas mais tarde perceberia que não se tratava de piada alguma. (GONG, 2022, p. 57)

Dentro da própria cidade há distinções, como as inúmeras línguas circulando dentro do território, a sua divisão, o cuidado que os cidadãos precisavam ter para frequentar certos lugares, a arquitetura e o comércio. Como se vê nesta passagem:

A madeira, importada de alguma nação distante, fora entalhada com caligrafia chinesa tradicional: poemas que Juliette havia memorizado há muito tempo. A casa era um espelho da cidade, um eco das ideias que viajam de ponta a ponta. Era uma fusão do Oriente e Ocidente, incapaz de abrir mão do velho, mas desesperada para imitar o novo e, assim como a cidade, a arquitetura não combinava muito bem. (GONG, 2022, p. 35)

Por fim, como dito por Chloe Gong (2023) para a revista *NZHerald*, seu livro é a sua carta de amor para Xangai, Shakespeare e a sua versão mais jovem; o que ela faz com maestria, pois tomou para si uma das histórias mais famosas do mundo e conseguiu enriquecê-la ainda mais, tornando-a única e contemporânea. Juntou todos esses elementos e os costurou perfeitamente, tornando Xangai e “Romeu e Julieta” o reflexo um do outro. Na narrativa aparece assim:

Dizem que Xangai se ergue como a filha mimada e arrogante de um imperador, a qual, por destruir a casa de uma feiticeira da floresta, foi transformada em árvore. As ruas da cidade se espalham como ramos. Xangai, tal qual a princesa, não nasceu assim. Costumava ser linda. Costumava lhe fazer serenatas, examinando as linhas de seu corpo, aprovando o que viam e dizendo que era boa para gerar crianças. Então ela

rasgou a si mesma com um sorriso maléfico, de orelha a orelha. Passou uma faca nas bochechas, levou a lâmina ao peito e agora não mais se preocupa com pretendentes; em vez disso, corre solta, embriagada pela invulnerabilidade do poder que herdou, boa apenas para gerar lucro, farra, dança e prostituição.

Tornava-se feia, mas gloriosa.

A noite sempre cai na cidade com um ruído baixo. Quando as luzes se acendem — com o zumbido da eletricidade, recentemente cobiçada, correndo pelos fios que cruzam as ruas como veias negras — é fácil esquecer que o estado natural da noite deve ser escuridão. Em vez disso, Xangai é vida e neon, com lâmpadas a gás cintilando contra as flâmulas triangulares que tremulam à brisa [...]

Sempre dizem que Xangai é a filha feia, mas, ao passar dos anos, caracterizar a cidade meramente como uma única entidade não é mais o bastante. Este lugar responde ao idealismo do Ocidente e ao trabalho do Oriente, abominando sua divisão, mas incapaz de funcionar sem ela [...]

Esta cidade é isto. A festa no fim do mundo. (GONG, 2022, p. 127)

Mais uma vez provando a sua genialidade, Shakespeare criou uma história com temas que ressoaram em todas as gerações vindas depois dele e que continua fazendo sucesso ainda hoje. Isso porque ele foi capaz de não apenas escrever obras que consideramos participantes do cânone literário, mas que também permitem espaço para aprofundar e acrescentar elementos de outras culturas e realidades, mantendo a essência autoral. Afinal, as histórias shakespearianas não são só um reflexo da cultura ocidental da qual fazem parte, mas da Humanidade.

Sendo assim, com este ensaio foi possível fazer uma análise comparando as duas obras “Romeu e Julieta”, de Shakespeare, e *Prazeres violentos*, de Chloe Gong (2022), da mesma forma que entendemos como a literatura de massa se encaixa dentro da permanência de cânones universais para as novas gerações. Ademais, entender um dos porquês da minha versão de 8 anos se sentir tão comovida ao ler a tragédia e continuar sentindo a necessidade de encontrar reflexões da história enquanto crescia. Posso dizer que *Prazeres violentos* conseguiu o que eu tanto desejava encontrar em um livro, porém não apagou a importância pessoal de tentar recontar a minha versão — porque, como diz Julieta: “Se chamarmos uma rosa por qualquer outro nome ela continuará a cheirar tão doce quanto” (SHAKESPEARE, 2019, p. 49).

3 ATO II

Capítulo I

A névoa era eterna em Veríndio. Durante o amanhecer era mais intensa e ia se dissipando ao longo do dia, sem nunca perder presença. Mesmo com o sol brilhando, as nuvens sobrevoando as cabeças e a lua sorrindo nas noites mais estreladas, as pessoas observavam o céu através da nebulosidade. Um filtro separava o olho humano e a natureza. A cidade guardava uma surpresa a cada esquina e os últimos minutos de escuridão total presenteavam inocentes com as brigas mais intensas entre os Carpelos e os Montes. A rivalidade entre as duas famílias era comum; acrescentar pessoas bêbadas faziam que as ruas acordassem com poças de sangue maiores, soldados com feridas mais longas e, às vezes, mães chorando pela morte de um filho. Veríndio ficava ao sul de Dália, o ponto mais vulnerável do Reino; por isso, a cidade era armada e treinada para proteger e defender. O exército era conhecido por sua força e sua união até passarem a ser pela sua rixa e seu ódio. Os Carpelos odiavam os Montes, que retribuía o mesmo sentimento. A gloriosa Veríndio agora estava perdida dentro de seu mundo nublado e cega pela fúria.

Não era a primeira briga que Julie presenciava. E não seria a última. Contava-se nos dedos os cidadãos verinenses que nunca viram uma disputa entre as famílias mais poderosas, nem os que não participaram de uma. A cidade era assim: as pessoas eram obrigadas a escolher um lado ou ficariam desprotegidas de qualquer incidente. Elas poderiam perder tudo ou ter a garantia de que alguém iria defender seus direitos. Não se sobrevivia sozinho em Veríndio. E isso para tudo. Comprar uma casa no centro da cidade era mais fácil para aqueles que prometiam lealdade ao senhor Carpelos. Ter os sapatos de couro da melhor qualidade da região era privilégio daqueles leais ao senhor Montes. Não carregar a cor vermelha dos Carpelos ou a cor cinza dos Montes dificultava qualquer decisão.

Julie conhecia melhor do que ninguém o sistema da cidade. Por causa disso, mesmo bêbada pelo vinho tinto e por algumas bebidas especiais de Amélia, sua melhor amiga, ela sabia muito bem se esconder. Escolheu ficar atrás de uma parede quando avistou Sofia e Gregório se aproximarem de um grupo de Montes. Se a encontrassem no meio de uma confusão no final da noite, na hora que deveria estar dormindo, só seu pai saberia o que poderia fazer com ela. Não a puniria por ter discutido com o inimigo. Os deuses que agradecessem se ela pudesse se livrar

de mais um. Mas os deuses que tivessem piedade de Julie, se descobrissem o segredo do anjo perfeito de Veríndio.

Visitar o bar Runa, onde Amélia trabalhava como garçomete, era rotineiro para Julie. Poucos sabiam quem ela realmente era, e isso não impediria que tocasse piano até seus dedos cansarem. Os fregueses reviravam a noite com as bebidas e as músicas. Nada impediria que ela dançasse com sua amiga até seus pés doerem, mas antes ajudaria as cantoras a se maquiarem e a ensaiarem as canções mais belas da cidade. Seu pequeno refúgio era o que levava de mais sagrado no coração.

Não demorou para, entre tropeços, se beneficiar da névoa e se esconder o mais longe possível da contenda que estava prestes a acontecer, porém não foi tola o suficiente para ficar tão distante e não conseguir ouvir as farpas que trocariam. Ela conhecia bem os criados da sua família, principalmente Sofia. Anos atrás, quando Julie achou nela seu primeiro amor. As duas trocaram beijos em todos os momentos que se encontravam no casarão dos Carpelos, até a mãe de Julie descobrir e dar um ponto final no romance. Julie não poderia ser vista com uma criada, pois isso estragaria a reputação da família. Ninguém mais ficara sabendo sobre esse namoro já perdido nas memórias das duas. De qualquer forma, ele não duraria. Talvez nunca tenham chegado a se amar. Todos sabiam que era normal Sofia entrar em disputas com os Montes, ainda mais quando estava com Gregório, outro criado dos Carpelos.

— Uma mulher andando na rua com um homem a essa hora da noite — cochichou entre risadas um criado dos Montes para seus companheiros. — Uma puta — continuou falando, sabendo que Sofia era fiel aos Carpelos.

Riram mais um pouco, mas ela não era estúpida em ouvir cada sílaba sem fazer nada. Sabia que não poderia iniciar uma briga, já havia entrado em conflito com outro Montes no início da semana. Ela não deixaria barato de novo. Afinal, tinha todo o direito de se defender. Não seria ela a ficar quieta quando um homem a insultasse, especialmente sendo um dos Montes.

Julie e Gregório conheciam o temperamento de Sofia. Não que a culpassem, mas sabiam que deveriam lamentar por qualquer um que provocasse sua ira.

Sofia lançou um olhar maléfico para Gregório, que apenas sorriu. *Cuidado*. Não demorou para ela “derrubar” a adaga no chão, fazendo todos na rua ouvirem a lâmina

encontrando com o chão. Todos os olhos viraram para ela, enquanto, bem devagar, ela se abaixava para pegar a arma.

Seria o suficiente para os provocar.

— Saca uma arma, senhorita? — o mais alto do grupo disse.

Ela apenas o olhou e segurou a adaga próxima ao corpo.

— Um gato comeu a sua língua? E se eu a procurar entre seus lábios tão bonitinhos e depois ser cruel com você ali no canto, hein? — riu despreocupado, olhando para os outros Montes. — Ou vai nos ameaçar com essa faca aí? A Carpelo quer brincar com alguém, não é?

— Brincar? — ela respondeu girando a adaga entre os dedos. Gregório se preparou atrás dela.

O grupo continuou rindo. Eles tinham abusado das bebidas e seus movimentos estavam lentos. Ao mesmo tempo que tiravam as armas, Sofia já acertava um na perna, fazendo-o cair. Os outros se posicionaram mais rápido, mas Sofia se aproximava e Gregório estava a seguindo. Eles eram precisos e não tinham misericórdia. Os Montes marcaram a própria sentença e tentavam mudá-la a cada passo e golpe. Em algum momento, no meio da confusão, outras pessoas de casas próximas saíram, cada um indo defender seu senhor. Alguns entraram em embates corpo a corpo, outros usavam armas — ou qualquer objeto encontrado no chão. Outros apenas gritavam e se xingavam.

— Seu imbecil! — Sofia berrou em cima do homem, cortando sua testa. Ele acordaria com uma cicatriz nova nas próximas horas. — Isso aqui é para você aprender a ficar quieto. E se eu aproveitar e cortar a *sua* linguinha tão preciosa?

O homem, de alguma forma, tirou-a de cima de si e jogou-a no chão. Gregório apareceu e deu um chute e ele caiu novamente. Começaram a brigar entre si e Sofia seguiu reto, atingindo um soco em outra pessoa. A briga continuou colecionando mais gotas de sangue de ambos os lados. O sol deu os primeiros sinais no céu e apresentou novas cores para o conflito em frente a Julie, que ainda espiava tudo de longe. Pela saia leve e branca, Julie sentiu uma brisa fria e se encolheu, esperando que os sinais de socos e gritos cessassem. O barulho de trotes de cavalos e guardas marchando ao lado de uma carruagem foi alto o suficiente para fazer com que todos parassem de se chutar. Julie aproveitou e se abaixou para ajeitar a roupa amassada.

Um dos guardas gritou alto para dispersar a multidão e prender a atenção de todos.

— Se mexam! A carruagem do príncipe Pietro de Dalia está passando!

O grito foi o suficiente para todos pararem. A carruagem se posicionou no meio do grupo. O silêncio se instaurou. Era como se apenas a névoa e o barulho dos cavalos existissem. A pequena janela da carruagem se abriu, as cortinas internas se mexeram, como se a manhã estivesse agraciando quem estava no outro lado pela primeira vez. Uma figura descansada e prepotente mostrou seu rosto para fora. Era um homem com traços bem definidos e a pele iluminada pela pouca luz solar, observou com lentidão cada pessoa do outro lado da janela. As cores nos detalhes ao redor ficaram mais evidentes quando passava seus olhos pela rua.

— Os Carpelos e os Montes — sussurrou e revirou os olhos. — Parece que a situação está se agravando ainda mais — olhou para dentro da carruagem novamente, dirigindo as palavras para algum criado que o acompanhava. — Eles são uma dor de cabeça, logo vão voltar para a coleira — disse para si por fim. — Vamos, não percamos tempo.

O príncipe Pietro de Dalia apareceu em todo seu esplendor. Muito se ouvia falar sobre o filho da Rainha, o herdeiro do trono que apenas esperava a mãe abdicar para ocupar o lugar do falecido pai. Não aconteceria tão cedo, pelo menos não enquanto a Rainha não entrasse em guerra com o reino vizinho. A presença de um membro da família real em Veríndio não era um bom sinal. Não era comum ficar tão próximo do príncipe, e, ao se afastar, todos antes em conflito começaram a falar. Sofia e Gregório há tempos já tinham desaparecido e os Montes mancavam tentando ir embora. Os Carpelos que sobraram limpavam suas feridas com os lenços que carregavam nos bolsos. O movimento de mais um dia iniciando fervilhava pelo ar. Janelas se abriram, barracas do comércio se estenderam. Os passos das pessoas eram cuidadosos para evitar incitar inimigos no lado oposto da rua. Um dia normal à frente de todos, exceto pela chegada inesperada do príncipe. Boatos voavam mais rápido do que os dentes da boca dos rivais depois de um soco bem dado.

Julie deveria ter chegado em casa há muito tempo. Buscando perceber se tinha sido vista, levantou seu vestido esvoaçante e correu rápido para casa, no fim da rua. Desviou de corpos aleatórios e ignorou todos os comerciantes que vendiam seus produtos exóticos; com sorte, ninguém apareceu atrapalhando o caminho. Ao se aproximar dos portões familiares, sua prima, Theodora, aguardava por algo na frente da porta do casarão. Os criados corriam de um lado para o outro. Julie imaginou quem Theodora teria importunado tão cedo para deixar todos desesperados; porém, ignorou a cena depois de chegar à lateral da casa, perto da sacada de seu

quarto. Estava acostumada a escalar a árvore para poder entrar escondida e não demorou muito a abrir as janelas e saltar para dentro.

Capítulo II

Era normal Julie acordar depois de poucas horas com o barulho de sua mãe berrando. Entretanto, isso não a impediu de permanecer um pouco mais na cama. Aguardou Amélia entrar. Não era estranho ela estar ali, então esperou que a melhor amiga surgisse como fazia todos os dias após passarem a noite se divertindo em Runa. Ela cresceu junto com Julie, correndo em cada cômodo e cada escada da família Carpelo. A mãe de Amélia costumava trabalhar pessoalmente com a senhora Carpelo, antes de se aposentar por pressão da filha. A família dela era a segunda casa de Julie. Eles sabiam sobre as fugas noturnas e os planos das duas amigas. Assim que Julie conseguisse se livrar das expectativas dos pais, os enfrentaria e se mudaria com Amélia, que seria a dona do próprio bar e poderia criar as melhores bebidas de toda a Dália. Em troca, elas tinham tudo acertado: Julie poderia tocar piano o quanto quisesse, cuidar de todos os músicos e dançarinos. Seriam as duas responsáveis pelo lugar mais brilhante e famoso de Veríndio. Deixariam para trás os conflitos dos Carpelos e dos Montes ou qualquer outra loucura que inventassem para saciar o orgulho dos velhos rivais.

Se ao menos escutassem Julie. *Um dia.*

Um dia as estrelas enxergariam Julie por trás da névoa e beijariam suas têmporas, transmitindo a força que precisava. Fariam seus pais abrirem os olhos e enxergarem a razão. O passado havia sido glorioso, mas não voltaria. E os Carpelos necessitavam aceitar esse fato. Ele se fora e Julie não podia fazer nada a respeito, ela já havia esgotado todas as possibilidades. Nem os deuses poderiam — alguns acontecimentos não são desfeitos.

Os seus pais não foram os únicos a perderem algo importante. E Julie era apenas uma para agradar a todos da cidade.

As janelas estavam abertas e as cortinas voando graças ao vento. Amélia já deveria ter aparecido. Talvez Julie dormira mais do que o normal, mas as vozes do outro lado da porta

diziam o contrário. Era comum os corredores ficarem mais agitados durante o período da manhã, quando os criados se preparavam para um longo dia e esperavam qualquer carta chegar do exército para o Senhor Carpelo com notícias de que o Senhor Montes havia desafiado outra de suas decisões no quartel ao leste da cidade. Os desentendimentos nas ruas de Veríndio não eram nada comparados com os que aconteciam entre os soldados.

A maior ironia de toda a guerra civil era o motivo de como ela iniciara. O senhor Carpelo e o senhor Montes eram melhores amigos, a dupla mais promissora, responsável pela glória da antiga Veríndio. A família real devia aos dois a maior conquista da Rainha. Pela primeira vez em anos, Dalia obteve a maior vitória contra o Reino de Balbania, a primeira durante o reinado da Rainha Cordélia. Mas, desde então, tudo havia estado muito quieto, o que serviu de contexto perfeito para a briga entre os dois maiores coronéis após a morte do general da divisão em que trabalhavam. Uma disputa pelo poder foi o suficiente para causar a separação do inseparável. E um acidente que ainda não havia tido respostas. Todos sabiam quem seria o novo general-chefe se não fosse pelo início desse ódio borbulhante entre as famílias, se estendendo na divisão do próprio exército. O exército era comandado por dois generais agora: o senhor Carpelo e o senhor Montes, o que não diminuía a rixa. A mesma lealdade que se estabeleceu entre os verinenses se espalhou entre os soldados que protegiam Dalia. Isso havia enfraquecido a fronteira — fato que não agradava nem ao Príncipe Pietro nem a Rainha Cordélia —, mas, por sorte, ninguém do outro lado ameaçou invadir. *Ainda*. Dalia e Balbania estavam em guerra e não houve um sinal contra Dalia desde a conquista do sul das Cordilheiras das Andalhas. Mas isso, ao invés de ser um alívio, era uma preocupação; um problema que não estavam mais preparados para enfrentar. Acreditavam que talvez seria um bom sinal: a guerra finalmente havia acabado. Já os mais pessimistas tinham a certeza de que o pior estava para vir.

Julie saiu da cama. Desviou das roupas e sapatos deixados pelo chão na noite anterior e abriu a porta do quarto. Amarrou o cabelo longo e ondulado, enquanto a voz do seu pai ressoava por todos os cantos. O grande senhor Carpelo, com o corpo atlético há muito tempo perdido, estava na ponta das escadarias no saguão principal do casarão. Ele segurava um guardanapo sujo, o que significava que acabara de tomar o café da manhã. Ou talvez tivesse almoçado. Julie não sabia que horas eram. À sua frente, Sofia e Gregório, livres de qualquer sinal da briga ao amanhecer, ouviam com atenção.

— E quem foi que começou a briga? — o senhor Carpelo apontou o dedo para os criados.

— Os Montes, senhor — Sofia respondeu com o rosto abaixado. Gregório arranhou a garganta e Sofia o encarou, mandando-o ficar quieto. — Depois... depois de minha adaga cair no chão, senhor.

— Cair... A adaga caiu, senhor — Gregório complementou.

Sofia não deixaria barato para seu amigo, mesmo que se livrassem do sermão, que nunca veio. O senhor Carpelo nunca condenaria um dos seus por derramar o sangue de um ou mais Montes.

— Esses ratos imundos! Vocês nunca perderiam tempo com esses Montes — o general ignorou a implicância entre os criados. — Mas, me digam, ossos foram quebrados? Alguma cicatriz para deixar esses animais mais feios?

— Uma perna quebrada e uma cicatriz horrenda bem na testa do asqueroso que começou a disputa — Sofia respondeu orgulhosa.

— Ótimo — longos segundos passaram até ele continuar. — Vou pedir para vocês se manterem mais quietos nas próximas semanas. Entenderam?

— Mas... — Gregório retrucou.

— Eu não terminei. Vocês não precisam se preocupar, logo os Montes vão voltar para onde nunca deveriam ter saído! Deem tempo ao tempo. Se tudo der certo, eles não ousarão mais levantar o olhar para nós.

— O que o senhor está planejando?

— Fiquem quietos e voltem a fazer o que precisam — ele respondeu. — Vamos, o sol vai alegrar nossa casa ainda mais no futuro.

Com um aceno, o senhor Carpelo dispensou os criados para qualquer que tenha sido a função ordenada. Julie desceu as escadas, mas uma mão a agarrou e a levou de volta em direção ao quarto. Tropeçando, Amélia fechou a porta de novo.

— Julie, me diga que você não estava na confusão de ontem — disse Amélia que se sentou na beirada da cama, sem perder Julie de vista.

— Deuses, por que você sempre aparece nos momentos mais aleatórios? — Julie jogou um travesseiro caído em direção à amiga. — Não, vi tudo de longe.

— Então você viu o príncipe? Você sabia que ele viria e não me contou absolutamente nada. Julie, não é à toa que te chamam de peste — Amélia conhecia cada olhar de Julie e não demorou para entender a confusão nos olhos da amiga.

— Você está louca? O que aconteceu? — a filha dos Carpelo respondeu, segurando o anel preso na corrente em volta do pescoço, um hábito irritante desde que o ganhara.

Amélia se levantou. Foi até a sacada e afastou as cortinas que atrapalhavam a visão para o jardim. As duas se apoiaram no parapeito e Amélia apontou para a entrada da casa.

— Ali.

Julie sempre notava tudo ao seu redor. Estava acostumada a antecipar os humores dos pais com apenas o jeito que abriam as maçanetas e a forma como os sapatos pisavam no chão. Quando sua mãe estava prestes a se fazer de vítima, fazendo com que seu pai abafasse qualquer discussão entre mãe e filha, ignorando qualquer desentendimento dentro de casa. Sabia o que cada movimento e cada ruga significavam. Porém, ela deveria ter estado muito bêbada para não juntar o cenário bem a sua frente quando foram apresentados. Tudo ocorrera em função da correria dos criados no início da manhã, sua prima irritada e seu pai especialmente um pouco mais feliz ao xingar os Montes minutos antes. A carruagem real era maior vista de cima. Era preta e seus cavalos, altos. Os cocheiros penteavam os animais e os separavam da caixa, onde o príncipe Pietro se sentara algumas horas atrás.

— Imagine a minha surpresa quando eu cheguei e me deparei com isso aqui? Sua mãe está surtando lá embaixo, indo de um lado para o outro com a costureira. O que os Carpelos têm na manga agora? — Amélia continuou. Ambas se olharam, mas Julie não sorriu.

— Um problema para mim, provavelmente — revirou os olhos.

— Pare de drama, o que o príncipe pensaria dessa cara enjoada do anjinho de Veríndio? — Ela a abraçou e sussurrou no ouvido da Carpelo. — Você nem sabe o que eu vi lá embaixo.

A rapidez com que a senhora Carpelo entrou superou todas as outras vezes que se colocou para dentro do quarto de Julie. Gritando seu nome, ela segurava dois vestidos e a costureira, atrás, mais três. Espalhou-os pela cama enquanto esperavam por Julie. Ela não ousou desviar os olhos das roupas por um segundo.

— Julie! Minha filhinha, já está acordada? — O sorriso dela era belo, se assemelhava a pérolas no colar mais elegante. O cabelo moreno e liso brilhava junto com o dia. Estava vestindo o sobretudo vermelho, a cor típica da família. — Venha até aqui. Hoje é um grande dia.

— Estou aqui, mãe.

A senhora Carpelo finalmente olhou para as pessoas ao redor.

— Amélia, o que está fazendo aqui? — perguntou como se fosse anormal a amiga de Julie estar ali. — Não importa. Filha, venha até aqui. Rápido.

Julie se aproximou, confusa. A mãe a segurou pelos ombros e o sorriso que levava duplicou de tamanho. Julie sabia que o brilho nos olhos dela não era amor materno, mas sim porque enxergava o que a filha poderia oferecer em troca depois de tudo que acontecera.

— Eu sabia que essa carinha tão linda não seria desperdiçada, que serviria para algo grandioso. Ah, minha filhinha, me lembro de quando era apenas um bebê e Ana ficava brincando com você no meio das flores — disse.

A senhora Carpelo não tinha vergonha de que quem havia criado sua filha fora a sua criada, a mãe de Amélia. Ela estivera mais preocupada com outros afazeres mais importantes.

Amélia riu. Ela sabia que Julie e a senhora Carpelo não tinham uma boa relação e momentos de afeto eram raros. Tão raros que todas as vezes que aconteciam era como estar assistindo a um show cômico entre dois palhaços de circo. Para tentar se livrar da vergonha, disse:

— Senhora Carpelo, esses vestidos são lindos. Qual a ocasião?

— Essa noite vamos ter a honra de dar o baile mais esplêndido que Veríndio já viu. Apenas as moças mais belas e os cavalheiros mais honrados serão convidados. Ah, meninas, se preparem, teremos o homem mais valoroso do Reino. O príncipe Pietro já combinou com o seu pai todos os detalhes. Não é maravilhoso? — respondeu e alcançou o vestido bordô para a costureira, que começou a fazer as medidas em Julie.

O tecido era extravagante e picicava. A senhora Carpelo trocou para o de cor creme e logo para o amarelo. As quatro mulheres encaravam no espelho e todas pareceram concordar que o melhor era o vestido simples creme, com a costura delicada que ficava justo no corpo de Julie.

— O príncipe? — Julie conseguiu responder. — Ele vai se hospedar aqui?

— Mas é claro! A realeza jamais ficaria com aquela gentinha dos Montes — a mãe de Julie começou a mexer nos cabelos longos da filha. — Não falaremos desses infelizes num dia tão importante. Filhinha, o que você acha do príncipe?

— Só pode ser um homem semelhante aos deuses — Amélia brincou, mas apenas Julie entendeu a ironia.

— Com certeza, um homem igual a ele nunca foi visto antes — Julie continuou com a piada.

— Sim, sim. Então, o que me diz? — a senhora Carpelo estava prestes a dar saltos de alegria.

— Aposto que o príncipe deve ser agradável.

— Você já pensou em seu casamento, minha filha?

Julie tinha evitado esse tópico durante anos. E por muito tempo fora bem-sucedida, mas era de se esperar que não conseguiria mais fugir, afinal, a maioria das mulheres em sua família se casara antes dos 20 anos. Seu aniversário de 21 estava cada vez mais próximo. O tempo corria contra Julie, ela precisava fazer algo para se livrar das presas da família. De deixar para trás tudo que a prendia naquela casa. Julie não respondeu e o silêncio se entendeu até se tornar insuportável. Amélia segurava o fôlego e olhava alternadamente para as Carpelos. A costureira parou de desamassar os vestidos descartados.

— Hoje à noite verá ele no baile. Fale com ele, dance, agarre-o pelo paletó se possível, mas não o deixe perdê-la de vista. Você é a flor mais bonita de Veríndio e um príncipe precisa ter as naturezas mais belas em seu palácio. Seria um prejuízo se não a dividíssemos com quem merece. Será que uma vez na vida, Julie, você pode dar orgulho para sua mãe?

Ela sabia para onde a conversa seguiria. Julie era uma péssima filha, acreditavam que era uma ingrata por tudo que seus pais fizeram. Não era como sua prima Theodora, sempre agradável e simpática. Não fora nem capaz de suprir o vazio profundo que os Montes causaram na vida do senhor e da senhora Carpelo. Ela era muito pequena e queriam que fosse gigante. O seu tamanho não era suficiente, e ninguém fazia esforço para conhecer todas as melodias que Julie era capaz de produzir. Mas casamento? Isso não seria algo que daria aos seus pais... Isso não. Porque no momento que concordasse, a única chance de liberdade apagaria exatamente

como a chama escarlata de uma vela. O príncipe que se encantasse por outra flor de Veríndio. Julie seria uma flor venenosa e qualquer um que a tocasse cairia morto.

— Farei o possível, mãe — mentiu. A resposta foi o suficiente para a senhora Carpelo.

— Perfeito, os convites devem estar sendo espalhados pela cidade — assim sua mãe saiu cantarolando do quarto. A última coisa que as amigas ouviram foi a costureira resmungar:

— Dias felizes se seguirão de noites felizes, certamente.

Capítulo III

O casarão dos Carpelos, assim como toda a Veríndio, costumava estar preenchido por uma fumaça. Os inúmeros incensos que a mãe de Julie insistia em espalhar por todos os cômodos tinham dobrado desde o anúncio do Baile. Todos os preparativos começaram rápido, havia poucas horas para tudo ficar pronto. O evento pegou todos de surpresa, mas as promessas de algo melhor se aproximando aquietava todas as reclamações de criados que corriam pelos corredores. O baile deveria simbolizar todas as belezas de Veríndio, inclusive a névoa eterna. A senhora Carpelo deixara isso claro. *Mais um incenso aqui e fechem as janelas até os convidados chegarem.* Julie já estava acostumada a respirar o ar forte e perfumado. O hábito não era à toa. Na noite em que a senhora Carpelo anunciara a vinda de Julie para o mundo, a chamada bruxa verinense, Luana, apenas vista sobre as luas cheias e céus nublados, bateu no portão dos Carpelos três vezes.

Poucos acreditavam em magia e em bruxas, mas Luana se fizera conhecida pelas profecias escorregadias e misturas milagrosas. Ela vivia afastada da zona dos Carpelos e era mais procurada pelos Montes, então, era esquecida durante o cotidiano de Veríndio. Naquela noite, porém, ela teve certeza de que não seria abandonada nos pensamentos da senhora Carpelo, a única pessoa que acreditou nas palavras proferidas pela bruxa.

Nascida do azar das estrelas.

Essa foi a única vez que Luana havia sido vista pela família. Vivia silenciosamente do outro lado da cidade. Mas era como se estivesse ali o tempo todo, presente em cada ondular formado pelos incensos que a senhora Carpelos acendia para afastar qualquer mal, qualquer azar que pudesse atingir sua família. Mesmo depois de tudo, de todo o resto de felicidade que se fora, o ritual de colocar fogo na ponta do incenso era a única coisa que a impedia de se despedaçar de tristeza.

Julie estava marcada pelas estrelas e era observada pela lua. Era uma maldição guardada em segredo. Ela agradecia a névoa que acobertava a visão do céu noturno, lembrando-a do destino acorrentado àquele conflito que manchara Veríndio de sangue.

Por isso os dedos dela conheciam tão bem cada tecla de piano: preto e branco como o céu e os pontinhos estrelados; elas, Julie poderia controlar, brincar, criar. Colocar para fora todos os sons dentro de si: raiva, ódio, amor, desejo, saudades. Quando tocava, podia ditar os sentimentos que todos teriam, inclusive os dela. Não precisava sentir culpa de querer algo a mais do que fora prometido.

Diferentemente das músicas tocadas na noite anterior, agora a melodia que saía dela era grave, juntando-se ao movimento da névoa do lado de fora e do incenso. O piano nesse momento era a escuridão, sem luz, sem sol, sem lua, sem estrelas, apenas o escuro eterno do universo. O beijo dos deuses eram corpos jazidos sem brilho.

Cada vez que Julie produzia um som novo, um pensamento surgia. Era sempre assim: uma conversa entre a música e as ideias, dançando e se entrelaçando uma à outra. Sua mãe falava de casamento, um baile repentino, um príncipe no ponto mais vulnerável de Dália. As palavras sonhadoras que trocava com Amélia sobre passar noites felizes e não noites vigiantes desapareceram. Desejar fazer aquilo que mais amavam e em como tudo isso pode sumir como fumaça, tudo isso sumiu. A última tecla que tocou era feia, exatamente como se sentia.

A melodia seguiu ecoando até encontrar uma sombra no canto do cômodo. Era Pietro, o príncipe de Dália, que observava em silêncio Julie tocar com força no piano. Ele era mais baixo do que esperava e seu cabelo era curtinho, semelhante ao dos soldados que protegiam as fronteiras. Pietro estava sério e Julie entendeu no fundo de seu coração que talvez a sua maldição tivesse se esvaído de seus dedos e finalmente deslizado através das teclas.

— Seu pai não me disse que tocava o piano com tanta violência. Não era algo que eu esperava, pelo menos.

— Majestade — Julie se levantou e se curvou diante do príncipe. Ele apenas a mandou abandonar a continência com uma das mãos. Pietro tinha um sorriso torto como se estivesse prestes a entregar todos os segredos da cidade.

Julie se sentiu estúpida por parecer tão impotente na frente de Pietro, tinham alturas semelhantes e ela conseguia observar em seus olhos escuros as luzes que refletiam na janela. Ela odiava se sentir dessa maneira. A escuridão que criou no piano não estava mais sob o controle. Pietro a orquestrava com a respiração e com os olhares que analisavam a filha dos Carpelos.

— Vejo que o baile já vai começar e você não está pronta. Você vai querer ficar bonita para essa noite — disse.

Ele também achava que Julie era apenas uma boneca para brincar, uma flor para colher e colocar num vaso no topo de uma escadaria. Era muito fácil misturar Julie numa confusão de sons, mas ela sabia que poderia ser um agudo irritante dissonando com todo o resto.

— Não vejo por que devo me preparar para ficar tão bonita. Preparação quer dizer que não sou bela naturalmente, é isso que a majestade quis dizer? — Julie poderia brincar também. Ela moldou essa escuridão, no final das contas.

— Certo, com certeza não foi o que quis dizer. Apenas me preocupo que daqui a pouco todos chegarão e você está vestida assim — ele pausou. — Uma noite memorável nos espera.

Julie era boa em entender todos os contornos que preenchiam a imagem a sua frente. Era o que precisava. *Uma noite memorável nos espera.*

Mas Pietro tinha razão, a senhora Carpelo correria pela casa gritando por Julie. O seu vestido estava esperando para ser colocado. Se ao menos tivesse mais tempo. Se ao menos criasse um pouco de coragem, Veríndio desaparecia como o brilho em suas músicas.

— Se está tão preocupado, então irei me retirar. A lua está tão cheia e brilhante hoje. Inesquecível mesmo — disse por fim e se retirou.

Os músicos começaram a testar os instrumentos e os criados voltaram para arrumar os últimos detalhes. Velas, incensos, bebidas, comidas em ordem no grande salão. E Julie, sozinha, depois de ser atormentada pela mãe, colocou o seu colar. Por mais que a corrente prateada não

combinasse com as cores da família ou com o vestido creme escolhido, ninguém ousaria dizer para não o usar. O anel que pendia no colar não encaixava em seu dedo, mas não importava. Não precisava colocá-lo, apenas tê-lo por perto. Era reconfortante quando sentia o anel balançar na pele. Julie reconheceria a prata do acessório em qualquer lugar, decifrou-a desde pequena: ao brincar de girar quando estava com medo da tempestade caindo do lado de fora da casa e ao sentir a textura quando segurava a sua mão e era defendida por alguma travessura que fizera nos jardins. O anel era sua proteção, seu amuleto de sorte. Era a única coisa capaz de neutralizar a menina nascida do azar das estrelas.

O colar ficaria no seu pescoço para sempre, se possível. Escondeu-o por baixo do vestido e arrumou os fios de cabelo saindo do penteado. Algumas mechas caíam sobre os ombros, mas o vestido ainda deveria ser o destaque do baile. *Uma noite memorável nos espera*. Talvez essa fosse uma nova maldição.

Amélia sabia que Julie não gostava de ficar sozinha em momentos assim. Por isso, não demorou a aparecer de novo. Amélia deixou o cabelo loiro liso e vestiu roupas com tecidos vermelhos em homenagem aos Carpelos. Usava pulseiras e correntes douradas em seus braços e sua cintura. Como de costume, ela estava bela e impetuosa; ao contrário de Julie, que precisava insistir numa imagem inocente. Julie invejava a melhor amiga às vezes. Ela não tinha seus punhos atados, era livre para movimentar as mãos e tocar até as partituras mais complicadas e apertar teclas distantes para produzir dois sons ao mesmo tempo, sem precisar diminuir seu repertório para tocar o que é mais adequado para a família.

— Você não sabe quem estava na Runa hoje. — disse. Julie ficou feliz com a distração. Era algo que precisava. — Mathias. O primo do príncipe. Ele estava recebendo o convite de um dos criados para o baile.

Julie olhou para a amiga, esperando que ela continuasse a história. Era de se esperar que o parente do príncipe que morava na cidade seria convidado, mesmo que fosse próximo dos Montes.

— Benjamin estava com ele. E... — Benjamin Montes, sobrinho do senhor Montes. Mathias era seu amigo, o que significava que... — Rômulo também. Os dois ficaram sabendo do baile.

Rômulo Montes. O herdeiro direto dos Montes. Era a pessoa que Julie mais odiava. Um ódio que a incentivava a seguir em frente. Ela ainda se lembrava do escarlate pingando da adaga cinza. Julie segurou a respiração e ignorou o sentimento de fúria que percorria suas veias.

— Os Montes descobririam sobre o baile de um jeito ou outro. O príncipe está em Veríndio. Os boatos voam rápido, você sabe.

— Eu sei — Amélia disse com cuidado. — Rômulo pareceu bem irritado.

— Ótimo — Julie a cortou. Lembrar a existência dele trazia escuridão demais. Mas não a escuridão vazia e, sim, a afiada, que fazia pequenos cortes pela pele. Irritante, ácida, uma cicatriz que a qualquer movimento se abria novamente.

Uma batida na porta a tirou de seus pensamentos. Uma criada avisou que a senhora Carpelos a estava chamando. A maioria dos convidados havia chegado e a noite só estava começando.

Uma noite memorável nos espera.

Que assim fosse, pensou Julie antes de segurar a mão de Amélia e seguirem para o salão.

Capítulo IV

A casa dos Carpelos era a mais iluminada de Veríndio naquela noite. E, como prometido, as pessoas mais belas entraram nela; ou apenas fingiram ser as mais bonitas: escondiam-se atrás de roupas elegantes e de maquiagem pesada. Não demorou muito para começarem a beber e a se maravilhar com a névoa própria dos senhores Carpelos. As bebidas não eram tão boas como as de Amélia, mas Julie se juntou às pessoas segurando um copo. O salão costumava ser seu lugar favorito na infância: os telhados eram altos e, em dias normais, o recinto ficava vazio, colocando a atenção nas paredes cheias de ornamentos e espelhos. Julie costumava correr e rir por toda a extensão do lugar. Quando havia duas pessoas ali, o som da conversa ecoava; quando estava aprendendo a tocar piano, a música parecia se estender pelos

segundos. Apesar disso, ela nunca mais quis tocar no piano branco de cauda — o único objeto fixo do salão —, trazia memórias que não queria mais lembrar.

— Você deveria ter convencido minha mãe a experimentar as suas receitas. Ela faria questão de pedir litros do seu *drink* de limão para o baile.

Amélia apenas riu do comentário da amiga.

— E correr o risco de os Montes descobrirem e perder metade dos fregueses da Runa? Runa é para ser um lugar neutro, já é difícil por saberem que sou próxima de você — respondeu.

— Pelo menos a gente não precisaria beber essa água suja — disse Julie enquanto levantava o copo para mostrar o descontentamento.

Elas estavam num canto, escondidas de qualquer pessoa que poderia querer conversar com a filha dos grandes Carpelos. Não adiantou porque, pouco tempo depois, homens e mulheres se aproximaram e as chamaram para dançar. Diversas vezes. Alguns encantados, sem saber de quem estavam adiante, outros sabendo perfeitamente quem era Julie. Amélia e Julie, para escaparem de mais convites, decidiram dançar juntas.

Trocaram risadas e dançaram os passos que estavam acostumadas nas noites em Runa. As correntes douradas pelo corpo de Amélia faziam barulho cada vez que se movimentava e os grampos no cabelo de Julie ameaçavam cair. Ficaram assim por minutos até Theodora, prima de Julie, aparecer e segurar o pulso da Carpelo.

— Onde está seu pai? — perguntou com urgência. Seus olhos foram de um lado para o outro.

— Eu não sei. Pelos deuses, você nunca se acalma? — Julie respondeu, mexendo-se conforme a música.

— Como você consegue ficar aí dançando numa hora dessa? Você viu ou não seu pai? — insistiu.

— Não, como eu posso saber?

— Inferno. Os Montes estragam tudo — resmungou por fim.

— Montes? — Amélia olhou para Julie confusa. — Os Montes estão aqui?

Theodora fez um barulho irritante com a garganta.

— Ali — apontou para o lado oposto, empurrando com força o ombro da prima. — Perto da planta no espelho grande está Rômulo, junto de Mathias. — As três os encararam, observando Benjamin se aproximar. — Como eles ousam? O tio deve expulsá-los.

Amélia voltou seu olhar para a melhor amiga. *Eu disse*. Mas Julie apenas a ignorou. Nessa noite, os Montes seriam a última preocupação. Theodora se afastou e subiu as escadas. Pelo visto havia encontrado o Senhor Carpelo. Aproximou-se e sussurrou algo no ouvido, o pai de Julie deu uma grande gargalhada. Ele também deveria ter tomado boas quantidades de álcool. Theodora ficou mais irritada, mas o que poderia fazer se o anfitrião do baile não se importava?

Julie, no entanto, continuou encarando o trio. Rômulo teve coragem de aparecer no coração da casa do maior inimigo. Logo ele, o responsável por todo o sofrimento escondido pelas portas do casarão. Aquele sentimento contra qual Julie lutava todos os dias era impossível de controlar quando Rômulo parava bem ali, a poucos metros de distância. Ele notou que estava sendo observado e olhou diretamente para Julie. Rômulo estava diferente desde que o vira da última vez. Os cabelos estavam longos, mechas caindo em cima dos olhos. Não eram mais curtos como costumavam ser. Agora o castanho escuro era mais intenso e notável. Os olhos de Rômulo eram gentilmente curvados e tão escuros quanto o cabelo. Ele sabia que Julie o odiava e não poderia culpá-la por isso. E, mesmo assim, Julie não conseguiu evitar pensar o quanto ele havia ficado mais bonito. Rômulo trancou seu olhar nela até Julie desviá-lo. A fumaça dos incensos escureceu a luminosidade e as pessoas ao redor se tornaram mais barulhentas. Julie podia sentir o olhar de Rômulo a seguindo enquanto procurava por Amélia, que já dançava com outra convidada. Como sempre fazia, começou a mexer no anel do colar e decidiu procurar outro esconderijo. Ele estava muito perto e isso não era o pior que poderia acontecer naquela noite.

O barulho virou um silêncio muito alto. Os sussurros se transformaram em respirações entusiasmadas e tudo parou. Para Julie, no entanto, a presença de Rômulo era a mais pesada e sentia cada centímetro do inimigo. Eles nunca trocaram uma conversa e, ainda assim, havia muitas palavras entre eles. E Julie tinha medo, medo de saber qual de seus monstros iria encontrar quando afrontasse Rômulo. A noite iria começar e Julie teria de pensar em algo rápido.

A porta se abriu no topo da escadaria e o senhor Carpelo abriu um sorriso. O príncipe Pietro poderia ser mais baixo do que Julie imaginara e, mesmo ali na vista de todos, as pessoas recuaram em dúvida diante do príncipe. Não importava, era ele que carregava a coroa na cabeça

e fora recebido por um dos generais mais poderosos de Dalia. Era o motivo por que todos estavam festejando. Pietro também sorriu, porém discretamente, sem deixar espaço para imaginarem as suas segundas intenções. Antes que falassem algo, a senhora Carpelo passou a procurar alguém pela multidão. Por fim, disse no ouvido dos criados: *procurem a Julie, rápido.*

— Curvem-se diante do Príncipe de Dalia — o senhor Carpelo mandou, levantando o copo para cima. — Deem boas-vindas a Vossa Alteza Príncipe Pietro, que traz belíssimas novidades para a nossa querida Veríndio. — Todos acataram a ordem. Os olhos dos convidados brilharam e refletiram o vermelho dos Carpelos junto ao dourado da realeza.

Pietro deu mais um passo, colocando-se ao lado do pai de Julie. Aplausos foram escutados até a voz do príncipe ecoar pelo salão. Ele não se preocupou em cumprimentar adequadamente ou em dizer palavras bonitas. Foi direto ao ponto.

— Verinenses, vocês sabem: a fronteira é silenciosa, mas sempre vigiada. — Ninguém ousou por anos lembrar o reino vizinho. Falar em voz alta era como proclamar uma guerra esquecida. Veríndio não era tão forte quanto fora uma vez, os cidadãos não eram mais como costumavam ser. O silêncio do Reino da Balbania era a única dádiva que Dalia recebera além da fronteira, e desejavam que fosse eterna. A família real era a única que ansiava por um ponto final, cega por uma vingança que não pertencia a Dalia. Mas a Rainha Cordélia não iria desistir mesmo que levassem tudo dela. — Passamos muito tempo ignorando uma guerra inacabada, que ferve devagar no outro lado das cordilheiras. Não sabemos o que nos espera e precisamos nos preparar para qualquer ameaça. Por isso estou aqui. Para acabar logo com essa história.

— E colocar a cidade em sua devida ordem — completou o senhor Carpelo. Ele não se importou em ouvir a palavra “guerra”. — Estamos prestes a presenciar uma nova era para Veríndio, onde as ruas serão livres de assassinos e de bandidos, onde cada um sabe o seu lugar. Vamos, enfim, nos livrar daqueles que nunca deveriam ter saído do bueiro que vieram. Os Montes chegarão ao fim e os Carpelos terão o seu lugar de direito.

O rosto do Senhor Carpelo ficou avermelhado, de felicidade, da bebida, do futuro utópico, e comemorou junto aos que juraram lealdade a ele. Gritos, aplausos surgiram. Julie estava ali no meio. E tinha mais. Sempre tinha mais.

— Isso. — O príncipe fingiu não ouvir o burburinho sobre a rixa com os Montes. Esse assunto não o interessava, era um problema que planejava se livrar o mais rápido. A briga entre famílias jamais seria tão importante quanto o objetivo de ver o vizinho queimar às cinzas. —

Para conquistarmos a paz de uma vez por todas e deixar o Reino de Dalia prosperar sem empecilhos, venho com notícias importantes. A partir de hoje, a família real passa a apoiar o senhor Carpelo como o único general-chefe oficial do exército. Precisamos de uma frente unida, sem motivos para disputas e, para mim, Carpelo é o único capaz de nos dar outra vitória sobre Balbania. Todos que se recusarem a obedecer a nova ordem serão considerados traidores da Coroa. Lembrem: um inimigo maior está nos aguardando além do horizonte e não o deixaremos triunfar. Dalia é o nosso lar e está sob ameaça. Se quiserem sobreviver, unam-se a nós. — Pietro disse as palavras com dureza. Os olhos não transmitiam sentimento e a testa escura marcava rugas que não deveriam existir em uma pessoa tão jovem.

Os Carpelos estavam em maior número na cidade, não fora à toa que o príncipe havia dado a lealdade a eles. O primeiro erro de Pietro, entretanto, foi não ver a profundidade com que o ódio entre os Carpelos e os Montes corria por cada esquina de Veríndio. Havia mais Carpelos, mas os Montes não desistiriam tão fácil. A Rainha e o príncipe há muito não tinham a simpatia do povo; desde a morte do Rei, a consorte e o herdeiro reinavam utilizando o medo. Mas Dalia sabia. A Rainha Cordélia não era a verdadeira governante: nunca poderia prosperar dentro dos limites do reino, ela não pertencia ao povo. Era uma estrangeira fugitiva que se casou com o único Rei capaz de conquistar seu país natal. Ela buscava destruir a sua família de sangue para que todos provassem da mesma dor. As repressões e as ameaças não durariam muito tempo e decidira tomar o relógio como seu melhor amigo. O Reino de Balbania deveria cair e ela faria de tudo, até mesmo colocar o filho contra o próprio povo, até mesmo se meter no vespeiro no ponto mais fraco de Dalia: os Carpelos e os Montes.

— Para selar o acordo e mostrar minha gratidão à Coroa e ao voto de confiança da Rainha, além de celebrarmos, minha esposa e eu temos a honra de oferecer ao príncipe Pietro a mão de nossa querida filha, Julie, em casamento. Essa aliança será eternizada e continuará com a união de nossos sangues. Veríndio será nossa e a vitória também.

O baile suspirou em euforia e o destino de Julie deu um nó sem ela poder fazer nada. O azar das estrelas não cairia em ninguém, apenas nela. De novo e de novo e de novo. O sol e a lua explodiriam e as estrelas continuariam e a névoa continuaria e o brilho na escuridão também. Julie estava ali, vendo todos decidirem e comemorarem sua vida. Julie era um sonho doce e suave, a brisa de leveza que Veríndio ansiava. O anjo de Veríndio. E nunca ousaram imaginar como conseguia manter tudo tão inocente e puro. Tão perfeito. Mas ali no fundo um rio escuro percorria e levava todas as flores para um incêndio ardente. Um inferno em chamas onde todas

as notas graves e agudas e dissonantes tocavam sem parar. E, eventualmente, as chamas chegariam a arder na pele.

Julie precisava se mexer.

Correr.

Fazer algo.

E foi o que ela fez. As estrelas não a alcançariam com facilidade. Tentou se mover sem ser vista. Todos já a procuravam. Precisava alcançar a porta mais perto. Seu nome ecoava em bocas aleatórias e os criados caminhavam entre as pessoas. Julie se abaixou e foi ardilosa. De uma coisa tinha certeza: não iria se casar. A cidade era movida por ódio, rixa e violência. Julie podia ser exatamente assim. Ou até pior.

A saída estava ali. Cinco passos e correria para fora do casarão, de Veríndio se possível. Mas o impulso das estrelas era mais forte. Julie não conseguia enxergar nada em volta, apenas a saída. As estrelas viram uma brecha e a oportunidade foi agarrada. Julie esbarrou em um ombro duro, mas as mãos de Rômulo a seguraram antes que caísse e as chances de liberdade se esvaíssem. Rômulo a segurou firme pela cintura, fazendo-a ficar de pé. O espaço entre eles era mínimo.

— Julie — ele disse em um tom de voz suave que só ela conseguiu ouvir.

Era tarde demais, a multidão se virou na direção dos dois. A escuridão brilhava com intensidade e nem a música mais bonita poderia apagá-la.

— Senhorita Julie — um dos criados se aproximou. Os pais de Julie, o príncipe e todo o resto assistiam atentos, tensos. Se haviam percebido que Rômulo Montes tinha o anjo de Veríndio nos braços, ninguém ousara falar nada.

Ela fez a cidade virar um inferno. Olhou para os olhos escuros do inimigo, colocou as mãos ao redor do seu pescoço e o beijou com delicadeza, mas com uma determinação que todos descobririam ser apenas de Julie.

4 POSFÁCIO

Eu sempre digo que escolher Escrita Criativa foi uma grande loucura. Uma escolha inesperada, mas não surpreendente — devido a minha paixão por literatura. Agora sei que era impossível qualquer outra opção. É uma loucura que eu repetiria sempre, sem hesitar. O fim do Ensino Médio e o início da vida adulta é aquele momento anterior da grande jornada da nossa vida. É importante, mas jamais definitivo. Eu sei disso agora. Entretanto, pessoalmente, começar a escrever de fato foi um ponto de virada: encontrar e entender esse amor foi como achar uma chama eterna dentro de um poço escuro. Por causa disso, mal consigo acreditar que o final está tão próximo. Eu completei essa loucura com muita alegria e realização.

Fazer arte no Brasil é uma incerteza; viver disso, nem se fala. Porém, a gente arranja um jeito, afinal, a vida tem um milhão de surpresas. Nunca se sabe o final de um artista, assim como não sei qual vai ser o meu final com a escrita. Ao contrário do que pensei quando entrei na faculdade, a graduação de Escrita Criativa foi feliz e talvez esse tenha sido o desfecho que procurei por toda a vida desde que li “Romeu e Julieta” (e o reflexo está neste TCC). No ensaio e na parte criativa não contei sobre os outros finais das protagonistas, isto porque eles são infinitos e cada pessoa tem o seu. Já o meu, espero que seja de muita euforia e de muito conforto.

William Shakespeare é grande por escrever histórias universais. Como diz Kim Namjoon (2023, tradução minha): “[...] a maior obra de arte pega a história mais pessoal e a conta da maneira mais universal possível. Esse é o maior nível de arte” e é isso que o dramaturgo faz. É por isso que uma menina de 8 anos carregou “Romeu e Julieta” dentro de si por tanto tempo. É por isso que uma jovem de 18 anos escolheu Escrita Criativa apesar de todas as inseguranças. É por isso que escrevi este trabalho. As estrelas, nós mesmos, tudo isso, combinado, inclinam e montam a nossa história. Nas palavras de Jung Hoseok (2023, tradução minha): “Haverá momentos em sua vida que questionará suas decisões, seja sobre o seu curso ou sua profissão, se você fez a escolha certa, se você está indo bem ou andando num caminho de fracasso. Quando você estiver assim, lembre-se: você é o líder da própria vida”.

Então, se existe algum final lhe desagradando, reescreva-o. Sempre podemos encontrar algo incrível.

REFERÊNCIAS

ANTONELLI, Joice Ribeiro M. A vez do leitor: literatura de massa e(n)tre novas práticas de leitura. **Universidade de Brasília Instituto de Letras Departamento de teoria literária e literatura**, [s. l.], 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43128/1/2021_JoiceRibeiroMacielAntonelli.pdf. Acesso em: 30 maio 2023.

AMOR sublime amor. Direção: Robert Wise, Jerome Robbins. Intérprete: Natalie Wood, Richard Beymer, George Chakiris. Roteiro: Jerome Robbins, Ernest Lehman. Estados Unidos: [s. n.], 1961.

BROOKE, Arthur. **Romeus and Juliet**. [S. l.]: Global Grey, 2020.

CAMATI, A.S; MIRANDA, C.A. (org.). **Sob múltiplos olhares**. Curitiba: Solar do Rosário, 2009.

CARTAS para Julieta. Direção: Gary Winick. Produção: Caroline Kaplan, Ellen Barkin, Mark Canton e Sharan Kapoor. Intérprete: Amanda Seyfried, Chris Egan, Vanessa Redgrave, Gael García Bernal e Franco Nero. Roteiro: José Rivera e Tim Sullivan. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2010.

DOS SANTOS, Marlene Soares. A solidão de Julieta. In: MEDEIROS, Fernanda; LEÃO, Liana de Camargo (org.). **O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

EXPRESSÕES Latinas. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://palavradodia.com/expresoes-latinas/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

GONG, Chloe. In: **Chloe Gong**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://thechloegong.com/>. Acesso em: 14 mar. 2023a.

GONG, Chloe. **CHLOE Gong responde aos fãs brasileiros de "Prazeres Violentos"**. Produção: Alta Books. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GQzgopHfL_I. Acesso em: 14 mar. 2023b.

GONG, Chloe. **Prazeres violentos**. Tradução de Rafael Surgek. Rio de Janeiro: Alta Books, 2022.

HELIODORA, Barbara. **Shakespeare: o que as peças não contam**: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HOPELESS fountain kingdom. Intérprete: Halsey. Estados Unidos: Astralwerks, 2017. Disponível em: Spotify. Acesso em: 9 maio 2023.

LEÃO, Liana de Camargo; DOS SANTOS, Marlene Soares (org.). **Shakespeare, sua época e sua obra**. Curitiba: Beatrice, 2008.

LEE, Yan-Yi; FRENCH, Martha. Chloe Gong, 21, Greets the World with her New York Times Best-selling Debut: Chloe Gong gives Varsity an insight into her journey as a writer, and how

it inspired her masterpiece ‘These Violent Delights. **Varsity**, Reino Unido, 2 fev. 2021. Disponível em: <https://www.varsity.co.uk/interviews/20547>. Acesso em: 15 mar. 2023c.

JENSEN, Danielle L. **A ponte entre reinos**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, 2022.

JUNG, Hoseok. **DISCURSO do BTS | Dear Class Of 2020**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AU6uF5sFtwA>. Acesso em: 2 jun 2023.

KIM, Namjoon. **RM 'Indigo' Album Magazine Film**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IRy8OYhLO-A>. Acesso em: 2 jun. 2023.

LOVE Story (Taylor's version). Produção: Christopher Rowe. Intérprete: Taylor Swift. Composição: Taylor Swift. Estados Unidos: Universal Music Group, 2021. Disponível em: Spotify. Acesso em: 5 nov. 2022.

MEDEIROS, Fernanda; LEÃO, Liana de Camargo (org.). **O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

NEVES, João Roberto de Castro. Romeu e Julieta - Um guia para compreender os jovens. *In*: MEDEIROS, Fernanda; LEÃO, Liana de Camargo (org.). **O que você precisa saber sobre Shakespeare antes que o mundo acabe**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

NOMEME. Roma. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.nome.me/pt/origem-uso-e-significado-nome/roma.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

O'NEILL, Bronwyn. How Chloe Gong became an international best-selling author at 21. **Evoke**, [S. l.], 2 nov. 2021. Disponível em: <https://evoke.ie/2021/11/02/inspire-women-in-business/chloe-gong-our-violent-delights>. Acesso em: 15 mar. 2023d.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Romieta e Julieu**: tecntragédia amorosa. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Rhj, 2021.

ROMEU + Julieta. Direção: Baz Luhrmann. Intérprete: Claire Danes, Leonardo di Caprio e Paul Sorvino. Roteiro: Craig Pearce E Baz Luhrmann. Estados Unidos: [s. n.], 1996.

ROSALINE. Direção: Karen Maine. Intérprete: Kaitlyn Dever, Sean Teale. Estados Unidos:[s. n.], 2022.

ROTTENTOMATOES. Letters to Juliet. [S. l.], 14 maio 2010. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/letters_to_juliet. Acesso em: 22 abr. 2023.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SHAKESPEARE, Willian. **Romeu e Julieta**. Tradução de Adriana Buzzetti. São Paulo: Lafonte, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

TAUB, Melinda. **À sombra de Romeu e Julieta**. Tradução de Cecília Camargo. São Paulo: Verus, 1970.

WEBARCHIVE. Romeus and Juliet. [S. l.], 24 dez. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20081224003728/http://www.clicknotes.com/romeo/brooke/index.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

WORDREFERENCE. ДОРОГОЙ. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.wordreference.com/ruen/дорогая>. Acesso em: 11 maio 2023.

ZHANG, Sherry. North Shore 21-year-old, Chloe Gong becomes a US bestseller. **NZ Herald**, Nova Zelândia, 4 dez. 2020. Lifestyle. Disponível em: <https://www.nzherald.co.nz/lifestyle/north-shore-21-year-old-chloe-gong-becomes-a-us-bestseller/JWIENH7VZTIA5BQC4YJFSZPHJU/>. Acesso em: 15 mar. 2023e.